



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA INGLESA

EVELYN BIONE DE FARIAS

MARCAS DO ESTÁGIO-SUPERVISIONADO EM LÍNGUA INGLESA
NO ICPAC: A VOZ DOS ALUNOS COM DEFICIÊNCIA E DOS
PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS

João Pessoa

2018

EVELYN BIONE DE FARIAS

Marcas do estágio-supervisionado em língua Inglesa no ICPAC: A voz dos alunos com deficiência e dos professores-estagiários

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras Inglês

Orientadora: Prof.^a Ma. Rosycléa Dantas Silva

João Pessoa- PB

2018

Catlogação da publicação na Fonte

EVELYN BIONE DE FARIAS

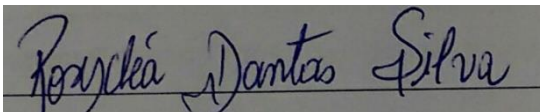
**Marcas do estágio-supervisionado em língua Inglesa no ICPAC: a voz dos alunos
com deficiência e dos professores-estagiários**

Trabalho de Conclusão de Curso, aprovado como requisito para obtenção do grau de
Licenciando no curso de Letras-Inglês da Universidade Federal da Paraíba.

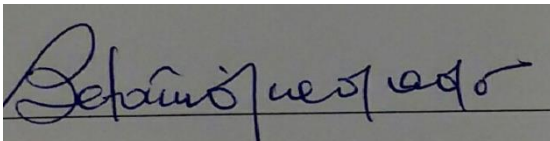
Data de aprovação:

24.10.2018

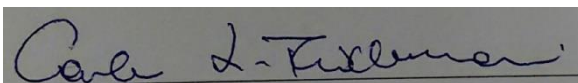
Banca Examinadora:



Prof^a. M.^a, Rosycléa Dantas Silva
(Orientadora - UFPB)



Prof^a. Dr.^a, Betânia Passos Medrado
(Examinadora – UFPB)



Prof^a. Dr.^a, Carla Lynn Reichmann
(Examinadora – UFPB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar por me guiar nessa longa jornada que me trouxe até aqui, o fim e recomeço de novas etapas. Com muito carinho cuidou e me deu forças pra suportar todas as dificuldades.

Agradeço a minha querida mãe, Nadia Bione que com muita luta e conquista me ajudou e me deu suporte para que eu sempre lutasse pelos meus sonhos e objetivos. Meu exemplo de perseverança e fé, sempre que me faltaram forças pra continuar. Agradeço todo amor incondicional que vem dela, e que vai além da sua própria vida.

Agradeço a minha irmã querida Svetlana Bione, meu irmão Jairo Joaz pelo apoio e carinho, e principalmente minha querida vó Joana Maria Queiroz da Silva que sempre cuidou de todos os serviços domésticos e fez total silêncio para que eu pudesse estudar e ao meu pai Jairo Farias a quem devo o legado de falar idiomas, pois desde criança recebi este incentivo. Ao meu ex- esposo Johannes Diepolder que financiou meus estudos e sempre me incentivou.

Aos meus amigos de universidade e de fora que sempre acreditaram em mim para que eu não desistisse, Giuseppe Dantas meu braço direito durante o curso e Thiago Lisboa que com palavras duras me mostrou que eu deveria sempre fazer o meu melhor.

Á minha querida professora Carla Reichmann, esta eu não tenho palavras pra descrever, o quão marcante ela foi e é no meu percurso acadêmico e na minha vida, me fazendo refletir, melhorar e me motivar para o que escolhi ser, professora. Acredito que jamais a esquecerei.

Agradeço imensamente a professora Rosycléa Dantas, minha orientadora, mulher magnífica que surgiu no meu caminho, me ajudando na direção das minhas escolhas e que, com muito carinho, me deu um suporte e atenção sem igual.

Agradeço a professora Betânia Medrado, autora de obras que me deram muito suporte, a professora Carla Reichmann e ao professor suplente Wallison Paulino que com entusiasmo e apreço aceitaram fazer parte da banca de defesa, contribuindo para o aperfeiçoamento desta pesquisa.

Por fim, agradeço aos colaboradores desta pesquisa e, principalmente, aos queridos alunos do ICPAC e seus funcionários e a Universidade Federal da Paraíba pela oportunidade e pelo cumprimento de missão ao formar mais uma cidadã.

RESUMO

No cenário atual, de demandas formativas envolvendo a educação de alunos com deficiência (MACHADO, 2007b; DANTAS, 2014a; MEDRADO, 2016), os centros de Atendimento Educacional Especializado (AEE), nas instituições de Educação Especial, se apresentam como lócus de estágio supervisionado que possibilitam uma formação docente mais inclusiva. Nessa perspectiva, e compreendendo que alunos e professores-estagiários são centrais no ato educativo supervisionado, buscamos ouvir esses dois personagens da trama do estágio. Para tanto, esta pesquisa objetiva investigar como alunos e professores-estagiários de língua inglesa compreendem a experiência do estágio supervisionado, no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha – ICPAC, que funciona como centro de AEE. Nosso corpus consiste em textos gerados por meio de entrevistas com alunos com deficiência visual do ICPAC e de questionários com os professores-estagiários da Universidade Federal da Paraíba, que atuaram no referido instituto durante o primeiro semestre de 2018. Os colaboradores evidenciam especificidades e impactos da experiência, apresentando o centro de AEE como um espaço de clínica dos contextos escolares inclusivos (MEDRADO, 2016), que proporciona aprendizagem para todos os envolvidos. Além disso, a análise aponta para a relevância de se investir mais nas interações pedagógicas entre alunos e professores-estagiários, indicando o protagonismo dos alunos na formação dos graduandos, durante o estágio supervisionado.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem de língua-inglesa, Estágio Supervisionado, Alunos com deficiência, Inclusão.

ABSTRACT

In the current scenario of demands in teacher education involving the schooling of students with disabilities (MACHADO, 2007b; DANTAS, 2014a; MEDRADO, 2016), Special Educational Services centers (SES), in Special Education institutions, are presented as a locus of supervised internship that enable more inclusive teacher education. In this perspective, and understanding that students and trainee teachers are central to the supervised educational act, we seek to listen to these two characters from the internship plot. In order to do so, this research aims at investigating how students and English-speaking trainees understand the supervised internship experience at Instituto dos Cegos de Paraíba Adalgisa Cunha - ICPAC, which functions as a center for SES. Our corpus consists of texts generated through interviews with students with visual impairment of ICPAC and of questionnaires with trainee teachers of the Federal University of Paraíba, who worked in the institute during the first half of 2018. Collaborators show specificities and impacts of the experience, presenting the SES center as a clinical space of inclusive school contexts (MEDRADO, 2016), which provides learning for all that are part of this context. In addition, the analysis points to the relevance of investing more in the pedagogical interactions between students and trainee teachers, indicating students' protagonism in the education of undergraduates during the supervised internship.

Keywords: English-language teaching and learning, Supervised Internship, Students with disabilities, Inclusion.

Lista de Quadros Ilustrativos

Quadro 1- Número de professores-estagiários que atuaram no ICPAC.....	23
Quadro 2 - Pesquisas de TCC realizadas por professores-estagiários que atuaram no ICPAC	24
Quadro 3- Perfil dos alunos participantes da pesquisa.....	29
Quadro 4 - Perfil dos professores-estagiários participantes da pesquisa.....	30
Quadro 5– Dias, horários e duração das entrevistas.....	33
Quadro 6– Datas e horários de realização dos questionários	34
Quadro 7 - Procedimentos de análise	35
Quadro 8- Especificidades – práticas pedagógicas	36
Quadro 9– Especificidades – Processos Interativos	40
Quadro 10- Impactos na formação e no aprendizado (pedagógico/ curricular)	43
Quadro 11- Impactos no lado humano e pessoal.....	45
Quadro 12- Impactos dos <i>feedback</i> dos alunos	48

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	10
2- O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: MEDIAÇÕES FORMATIVAS ENTRE ALUNOS E PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS	13
2.1 Afinal o que significa um Estágio Supervisionado	13
2.2 Formação no estágio: alunos e professores-estagiários.....	16
2.3 O Estágio Supervisionado e a experiência no Instituto dos Cegos da Paraíba.....	21
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	27
3.1 Natureza da pesquisa.....	27
3.2 Contexto da pesquisa.....	28
3.3 Perfil dos participantes e da pesquisadora.....	29
3.3.1 Os alunos do ICPAC	29
3.3.2 Os professores-estagiários de língua inglesa.....	30
3.3.3 A professora pesquisadora	31
3.4 Procedimentos para geração de dados.....	33
3.4.1 Entrevistas com os alunos	33
3.4.2 Questionário com os professores.....	34
3.5 - Procedimentos para análise dos dados	35
4. INTERAÇÕES PEDAGÓGICAS NO ICPAC: ESPECIFICIDADES E IMPACTOS	36
4.1 Análise das especificidades emergentes.....	36
4.1.1 Especificidades em relação às práticas pedagógicas	36
4.1.2 Especificidades sobre os processos interativos	40
4.2 Impactos da experiência do estágio supervisionado no ICPAC.....	43
4.2.1 Impactos na formação e no aprendizado (pedagógico/curricular).....	43
4.2.2 Impactos no lado humano e pessoal	45
4.2.3 Impactos dos <i>feedback</i> dos alunos.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICES.....	57
Apêndice A - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	57
Apêndice B- Roteiro de perguntas direcionadas aos alunos do ICPAC.....	59
Apêndice C– Notação utilizada para a transcrição dos excertos das entrevistas.....	60
Apêndice D - Roteiro de perguntas direcionadas aos professores-estagiários	61
Apêndice E - Exemplos de material em braille negro.....	62

1- INTRODUÇÃO

Cada estagiário vai ter uma experiência marcante aqui no Instituto e se ele for realmente uma pessoa que interage, vai ser muito melhor para ele e muito melhor para os alunos.

Aluno João Felipe

O estágio supervisionado para professores de línguas, em formação inicial, se apresenta como um espaço de desafios e de aprendizagem (REICHMANN, 2012; 2015; FARIAS, 2017). Essa experiência docente que possibilita o encontro com os alunos na realidade da sala de aula é, geralmente, realizada em escolas regulares. No entanto, o cenário atual de demandas por saberes acerca do trabalho com alunos com deficiência nos apresenta os centros de Atendimento Educacional Especializado (AEE) como locais para o desenvolvimento da formação supervisionada. As experiências de professores de línguas nesses centros ainda estão ganhando formas, mas já deixam marcas que são textualizadas por meio de pesquisas, a exemplo dos estudos que discutem a experiência de professores de línguas estrangeiras, no contexto do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha - ICPAC (ARAGÓN, 2016; MEDRADO, 2016; SOUZA, 2017; CORDEIRO, 2017 e COSTA, 2018).

As pesquisas nascidas no ICPAC discutem, principalmente, aspectos da formação dos professores que atuaram na instituição e, para tanto, analisam a fala desses atores sociais. Esta pesquisa amplia essas reflexões trazendo não apenas a voz dos professores (estagiários, no nosso caso), mas, também, dos alunos. Buscamos compreender a experiência do estágio no ICPAC, a partir dos textos produzidos por esses dois personagens que compõem a *trama do estágio supervisionado* (FARIAS, 2017), evidenciando o papel do aluno na tessitura dessa trama.

É importante destacar que experiências anteriores da pesquisadora contribuíram para o interesse em desenvolver uma pesquisa que contemplasse algumas das suas inquietações, como: enfatizar o papel do aluno nas interações formativas, pois viveu a experiência de querer ser ouvida como aluna; investigar questões no campo da educação especial/inclusiva, pois já teve a oportunidade de lecionar para alunos autistas e vivenciou alguns desafios e o desejo de realizar contribuições para suprir as dúvidas e os medos de futuros professores.

Nesse sentido, buscamos ouvir alunos com deficiência visual e professores-estagiários de inglês que atuaram no ICPAC, no primeiro semestre de 2018, a fim de responder as seguintes questões de pesquisa:

1. Quais as especificidades apresentadas por alunos e professores-estagiários, nas interações pedagógicas durante o estágio-supervisionado no ICPAC?
2. Quais os impactos provocados pelas interações pedagógicas, para os alunos e professores-estagiários, durante o estágio-supervisionado no ICPAC?

Partindo do entendimento de que alunos e professores-estagiários constroem o *espaço de convivência* (MATURANA, 1990) do estágio-supervisionado, em um *estar juntos* (SKLIAR, 2015) em que ambos ensinam e aprendem, buscaremos atingir o objetivo deste trabalho que é *investigar como alunos e professores-estagiários de língua inglesa compreendem a experiência do estágio supervisionado, no ICPAC*.

Nosso objetivo geral se divide em dois objetivos específicos:

1. Analisar as especificidades apresentadas por alunos e professores-estagiários, nas interações pedagógicas durante o estágio-supervisionado no ICPAC.
2. Discutir, a partir das falas dos alunos e professores-estagiários, os impactos provocados pelas interações, para os alunos e professores-estagiários, durante o estágio-supervisionado.

O interesse pela realização desta pesquisa surgiu por meio da oportunidade da pesquisadora de estagiar no ICPAC, no âmbito da disciplina de Estágio Supervisionado VI, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A experiência no ICPAC provocou inquietações, despertando o desejo da pesquisadora de refletir sobre esse espaço formativo, na medida em que viveu e sentiu a força (trans)formadora desse estágio. Também justificamos nosso interesse pela pesquisa, por entendermos que o estágio supervisionado em centros de AEE, com alunos com deficiência, carece de discussões que apresentem e justifiquem seu papel na formação inicial. Assim, esperamos contribuir, a partir da voz dos alunos com deficiência e dos professores-estagiários que viveram o estágio no ICPAC, com subsídios teóricos e práticos para a ampliação do ato educativo supervisionado com alunos com deficiência visual.

Com esta perspectiva, organizamos nossas reflexões da seguinte maneira: primeiro capítulo, introdução da pesquisa; segundo, caracterização do estágio-supervisionado, com discussões sobre formação docente e sobre a experiência de

estágio no ICPAC; terceiro capítulo, sistematização da metodologia da pesquisa; quarto capítulo, análise dos dados, com foco nas especificidades e impactos da experiência no ICPAC. E, finalmente, apresentaremos nossas considerações finais acerca dos resultados da pesquisa.

2- O ESTÁGIO SUPERVISIONADO: MEDIAÇÕES FORMATIVAS ENTRE ALUNOS E PROFESSORES-ESTAGIÁRIOS

/.../ eu fico muito feliz por estar crescendo cada vez mais essa questão do estagiário aqui dentro, isso ajuda na sensibilidade lá fora.

Aluna Duda

Neste capítulo, faremos uma breve discussão sob o aporte teórico utilizado para desenvolver esta pesquisa. Ele está organizado em três partes, onde dissertamos um pouco sobre o estágio supervisionado de um modo geral como um processo de aprendizagem; a formação docente no estágio, ressaltando dois personagens: professores-estagiários e alunos; e, por fim, o estágio supervisionado no Instituto de Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha.

2.1 Afinal o que significa um Estágio Supervisionado

Na Universidade Federal da Paraíba o Estágio Supervisionado é uma disciplina do curso de Letras com carga horária de 420 horas, compreendendo 28 créditos da grade curricular, distribuídos em sete níveis. De acordo com o regulamento do Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Letras da UFPB, art 5, primeiro parágrafo, as quatro disciplinas primeiras disciplinas de Estágio Supervisionado serão ministradas na Universidade e estão previstas entradas nas escolas-campo para observação. As três últimas disciplinas de Estágio Supervisionado serão realizadas na escola-campo (carga semestral de 30 horas) e na Universidade (carga semestral de 30 horas) preferencialmente na rede pública de ensino.

O foco dos primeiros estágios (I, II, III e IV) da UFPB, está nas leituras, abordagens de ensino, documentos oficiais, material didático e micro aulas, já os três últimos estágios compreendem uma efetiva vivência em sala de aula, proporcionando ao aluno o contato real com o ambiente escolar e a realização de atividades práticas de ensino.

Nas disciplinas de Estágio Supervisionado do I ao IV, os alunos de todos os cursos de letras – língua estrangeira compartilham as mesmas turmas. No entanto, a partir do Estágio V, as turmas são organizadas por habilitações nas línguas estrangeiras, de modo que alunos de língua inglesa, espanhola ou francesa são agrupados por turma de acordo com o idioma. Esta divisão se justifica pelo enfoque que os estágios abordam,

sendo os primeiros compostos de um estudo comum a respeito dos documentos, regulamentos, abordagens de ensino, materiais didáticos entre outros assuntos. E em seguida, os próximos estágios, requerem a intervenção na escola: Estágio V- no ensino fundamental, Estágio VI- no ensino médio e Estágio VII- em cursos livres. Esta intervenção é, de fato, a atividade prática na escola, por isso faz-se necessária esta separação por habilitações de cada idioma.

Para afirmarmos melhor o papel do Estágio na nossa universidade, ressaltamos que o processo construído ao longo das sete etapas do Estágio, possibilita a criação de diálogos mais fortes acerca do trabalho docente, com leituras que recuperam experiências de outros graduandos, vividas durante o estágio, fornecendo modelos de agir, assim como textos normativos e sobre o trabalho docente. O estágio proporciona, outrossim, reflexões sobre a confecção de materiais didáticos (CORDEIRO, 2017), como também a sua utilização pelos futuros docentes. Além disso, organiza formalmente a entrada dos graduandos no chão das instituições educacionais, para que possam observar, refletir, colocar em prática saberes construídos ao longo do curso e teorizar a partir da experiência vivida, aprendendo e compartilhando novos conhecimentos (SOUZA, 2017; CORDEIRO, 2017).

Tal reflexão é representativa das discussões de Pimenta (1994 apud PIMENTA e LIMA, 2012, p.45), que apresentam o Estágio “como atividade de transformação da realidade. Nesse sentido o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção, esta, sim objeto da práxis”. Seguindo essa linha de pensamento, o estágio é desenhado como um espaço propulsor de questões teóricas, metodológicas e práticas que se atravessam e se interdependem na formação e transformação da realidade e dos diferentes personagens que a integram.

Nas falas das autoras, destacamos a discussão sobre teoria e prática. Elas ressaltam que a experiência de estágio na instituição de ensino, não apresenta essa separação teoria e prática, mas uma unidade que cria a oportunidade da vivência em sala de aula, caminhando “para a reflexão, a partir da realidade” (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 45). Uma realidade complexa, na medida em que é uma experiência iniciática (FONTANA, 2011) para muitos na condução da sala de aula, um tempo de ler realidades (MEDRADO, 2015), um entrelugar socioprofissional (REICHMANN, 2015, p.29), pois são professores ainda em formação inicial “convocados a se inserirem em práticas sociais da instância escolar” (FARIAS, 2017, p.59), em práticas da profissão

docente. As representações indicam que o estágio vai além de uma disciplina e caracteriza-se como parte fundamental na construção do profissional de ensino.

Continuando essa discussão, Pimenta e Lima (2012, p. 43) afirmam que o estágio possibilita “que os futuros professores compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações aí praticadas”. Não acreditamos que seja possível aos professores-estagiários compreenderem em sua totalidade, a complexidade das práticas educacionais apenas durante as experiências de estágio, tendo em vista a multiplicidade de contextos e práticas. Mas, concordamos com as autoras que o estágio seja um espaço para que os graduandos conheçam muitas nuances da complexidade que compõe o fazer docente.

Além disso, esse momento de desenvolvimento na formação indica que o professor-estagiário não é apenas parte de um construto acadêmico com teorias e práticas a serem desenvolvidas, mas de um contexto complexo de observação, colaboração, planejamento e regência de aulas (atividades previstas, na UFPB, para a atuação dos professores-estagiários na instituição campo do estágio). Para tanto, o estágio proporciona o desenvolvimento de saberes de um modo reflexivo, a partir do contato com a sala de aula, com a instituição, com os alunos e com os demais atores envolvidos.

O processo de reflexão sobre o trabalho docente, durante o Estágio Supervisionado, também é provocado por meio de práticas de linguagem mais formais, como o Relatório de Estágio Supervisionado, os debates feitos em sala, nas turmas de estágio na universidade, que envolvem diversas situações, provenientes de diferentes contextos educacionais vivenciados pelos graduandos e atividades solicitadas pelos professores-supervisores, como o *scrapbook digital*¹ requerido por uma das professoras que é supervisora de estágio em parceira com a UFPB. O pensar sobre o fazer docente é, desse modo, uma proposição intrínseca ao ato educativo supervisionado.

As reflexões, nascidas no âmbito do estágio, podem, igualmente, impulsionar os professores-estagiários a desenvolverem pesquisas a partir do contexto em que atuaram. Nas palavras de Pimenta e Lima (2012, p. 51):

¹ Se apresentou como uma ferramenta de registro reflexivo sobre as nossas experiências durante o estágio supervisionado no ICPAC. Os registros no *scrapbook* eram realizados ao longo do estágio, por meio de uma apresentação de *PowerPoint*, em que expressávamos emoções, medos, questionamentos e aprendizagens utilizando a linguagem verbal e não verbal.

o estágio abre possibilidade para os professores orientadores proporem a mobilização de pesquisas para ampliar a compreensão das situações ou estimularem, a partir dessa vivência, a elaboração de projetos de pesquisa a ser desenvolvido concomitantemente ou após o período de estágio.

O contato com a realidade da sala de aula, as interações com os alunos, os desafios diante do novo, diante das dificuldades vividas, podem provocar o professor em formação a olhar mais sobre essa realidade, a refletir na tentativa de contribuir com possíveis caminhos para a solução de problemas, a dar visibilidade para questões pouco exploradas, mas que fizeram a diferença durante o estágio, como no caso desta pesquisa. Nessa perspectiva, o professor-estagiário tem a oportunidade não apenas de testar hipóteses e possibilidades, mas de contribuir para sua área de atuação, de contribuir para o desenvolvimento do contexto que o acolheu e permitiu seu crescimento profissional.

A partir dessas compreensões gerais sobre o estágio, buscamos, na próxima seção, compreender um pouco mais sobre o fazer e a formação docente que estão na essência do estágio supervisionado.

2.2 Formação no estágio: alunos e professores-estagiários

O estágio supervisionado é uma das mediações que compõem o processo de formação docente, um processo de construção e desenvolvimento. Nessa perspectiva, compreendemos que a experiência docente no chão da instituição-campo organiza momentos de formação, em que os atores envolvidos (aluno, professor-estagiário, professor-supervisor, professor-formador, dentre outros que fazem parte das interações) vão construindo novas significações sobre práticas de ensino e aprendizagem, vão se desenvolvendo, pois como nos lembra Bronckart (2008, p. 83) “o desenvolvimento humano nada mais é, de fato, que o movimento permanente de atribuição de significações a nosso agir e a nossa vida”.

Essas (re)significações estão, portanto, vinculadas ao gênero profissional (CLOT, 2014) docente. De acordo com Clot (2014, p.96), o gênero profissional se fundamenta em uma memória coletiva da atividade que “fixa os precedentes que servem de referência para casos similares que possam apresentar-se na atividade”. Nesse sentido, durante a experiência de estágio, os atores sociais envolvidos podem contrapor, reforçar e/ou alimentar a sua memória coletiva da docência, com novas significações,

possibilitando, nas palavras de Reichmann (2012, p.102), “gêneros profissionais revitalizados, isto é, novas maneiras de fazer, de dizer e de ser professor”.

Nesse desenvolvimento do ser professor, durante o estágio supervisionado, os professores (estagiários, supervisores e formadores) organizam um movimento de (re)construção da identidade profissional (REICHMANN, 2012, 2015; MEDRADO, 2015). Assim, novos valores e saberes são agregados à formação identitária dos docentes.

Portanto, ao longo da formação, considerando as experiências vividas, o professor, em contato com uma nova experiência, vai lapidando os seus conhecimentos e as suas formas de proceder e agir, construindo seu eu professor, sua identidade docente. Essa identidade profissional não é um aspecto sólido, pois como nos lembra Bauman (2005, p.17), as identidades são *fluídas*, “negociáveis e revogáveis”, isto é, não podemos afirmar que a partir de um único momento o professor-estagiário irá se estabelecer docente, pelo contrário, essa construção do eu professor ocorre de forma processual, sendo cada passo uma (re)construção da identidade profissional. Essas transformações pessoais e profissionais acontecem naturalmente em virtude do contato com os alunos, com as teorias, nas interações pedagógicas e relações interpessoais.

Nesse cenário, outro fator relevante são as situações de desconforto e os conflitos que podem ser gerados a partir de qualquer momento do processo de estagiar, desde o planejamento das aulas, até as interações no ambiente escolar em que o professor-estagiário se encontra. Compreendemos essa relevância a partir de Machado (2007a, p.92), ao afirmar que os conflitos são parte constituinte do trabalho docente e que eles podem ser “fonte para a aprendizagem de novos conhecimentos e para o desenvolvimento de capacidades do trabalhador ou fonte de impedimento para essas aprendizagens e para esse desenvolvimento”. Tal afirmação revela que os conflitos vivenciados no momento do estágio são, portanto, fundamentais para a formação inicial do professor.

As situações de conflito podem mobilizar os professores-estagiários a saírem da zona de conforto, a buscarem novos métodos, até então desconhecidos para eles, a fim de que possam colocar em prática seus conhecimentos e desenvolvam suas habilidades em diversas situações e em contextos sociais diversos. A partir desse entendimento, reforçamos a necessidade dos professores-estagiários de, juntamente com seus formadores, buscarem, como lembra Medrado (2012, p.152), “interpretar os desafios e dúvidas que surgem em suas primeiras experiências como professores”, pois

compreendemos que essas interpretações possibilitam espaços de reflexão para que o professor-estagiário possa aprender a lidar com o novo e com ele mesmo, como professor ético diante das suas próprias intuições, falhas ou acertos.

As situações que ocorrem no estágio nos permitem enxergar contribuições que estimamos ir muito além das vivências construídas. Acreditamos que estas contribuições são criadoras e (re)criadoras de um professor em formação com um novo olhar sobre seu agir, promovendo passos para uma (re)afirmação profissional, em contextos sociais diversos.

Ademais, nesse processo formativo, tão caro para os professores-estagiários, destacamos um dos personagens ou talvez o principal deles, que tece, para usar as palavras de Farias (2017), a *trama do estágio supervisionado*, a partir da instituição-campo: **os alunos**. Pensamos no papel dos alunos, a partir das reflexões apresentadas por Freire (2014 [1992], p.154), de que “uns ensinam e, ao fazê-lo, aprendem” e “outros aprendem e, ao fazê-lo, ensinam”, em uma relação dialógica e dialética de formação mútua. Essa compreensão nos provoca a perceber a centralidade do aluno durante o estágio supervisionado, pois, como afirma Freire (2011, p. 63), “o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo”, ou seja, não existe trabalho docente sem alunos, não existe professor-estagiário, sem alunos.

Para tanto, no trabalho do professor-estagiário com e para os alunos, se faz necessário buscar compreender quem são os alunos, observá-los com um olhar atento e cuidadoso, ouvi-los com respeito e atenção e interessar-se pelo desenvolvimento deles como foco para a formação proposta em cada aula. Essas ações são imprescindíveis para a construção de um espaço educativo de valorização dos alunos e dos seus conhecimentos, perspectiva defendida por Freire (2011, p. 62), ao afirmar que

não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, à seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vem existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimento de experiência feitos” com que chegam à escola.

Esse posicionamento de respeito ao educando e aos seus saberes é, também, defendido por Machado (2007b, p.35), ao ressaltar que “devemos conhecer o aluno, sua história, suas necessidades e desejos”. Consideramos que cada escola, sala de aula e aluno apresenta sua própria história, suas próprias singularidades e, por isso, existe a

necessidade de se conhecer os espaços e ouvir, com respeito, os indivíduos que constituem esses espaços, em especial os alunos.

No contexto da nossa pesquisa, conhecer essas singularidades parece ser uma demanda ainda mais intensa para os professores-estagiários, pois o ICPAC é um lócus educacional ainda pouco explorado pela comunidade vidente. Assim, as interações com alunos com deficiência visual e múltipla são, na maioria das vezes, algo novo para os graduandos que buscam conhecer os alunos, suas experiências e saberes, para que possam compreender as especificidades educativas advindas com a deficiência. Nessa caminhada, ouvir os alunos é imprescindível, pois o professor-estagiário aprende com eles a entender suas singularidades, seus limites e suas potencialidades.

Seguindo essa linha de pensamento, ressaltamos que ouvir e conhecer os alunos com ou sem deficiência, em escolas regulares ou em instituições de Educação Especial, é uma necessidade e, ao mesmo tempo, um desafio para o professor-estagiário diante do curto espaço de tempo de realização do estágio. Por isso, entendemos que os professores-estagiários precisam explorar ao máximo as horas de estágio, efetivando interações com os alunos na construção, como já visto, de um *espaço de convivência*, de aprendizagem colaborativa, pois para o autor, o aluno também é professor nesse espaço:

E quem é o professor? Alguém que se aceita como guia na criação deste espaço de convivência. No momento em que eu digo a vocês: “Perguntem”. E aceito que vocês me guiem com suas perguntas, eu estou aceitando vocês como professores, no sentido de que vocês me estão mostrando espaços de reflexão onde eu devo ir (MATURANA, 1990).

Transpondo para a nossa discussão acerca do estágio supervisionado, concordamos com o autor e destacamos que a relação aluno e professor-estagiário cria um espaço de convivência onde a aceitação mútua, praticada com ética e respeito ao outro, permite o enriquecimento de todos. Aceitar que o aluno *guie*, que mostre onde o professor-estagiário *pode ir* e refletir sobre essas práticas formativas, impulsionam o crescimento docente e constrói, acreditamos, um ambiente onde os desafios são superados em conjunto. Para criar esse espaço de convivência, reforçamos, é necessário que ambos sintam-se convidados a compreender um ao outro, que ambos aceitem o *estar juntos* (SKLIAR, 2015), que se permitam, como destaca Skliar (2015, p. 27),

afetar o outro e deixar-se afetar pelo outro. Se não há afecção na inclusão estaríamos criando um cenário excessivamente paradoxal: um encontro com o outro, sem que não nos aconteça nada. Não se pode estar juntos sem ser afetados e afetar mutuamente.

A reflexão de Skliar (2015), realizada no âmbito das suas discussões sobre educação inclusiva, nos atenta para as interações professor-aluno, em que ambos são afetados e provocam transformações. Pensando esse estar juntos, no contexto da nossa pesquisa, destacamos que a relação afetiva é, igualmente, atravessada por uma aproximação física maior. A aproximação entre professores e alunos com deficiência visual torna-se mais necessária, pois diante de um contato visual limitado ou inexistente, o toque, por meio do tato, pode ser utilizado para substituir interações e atividades que seriam realizadas através da visão (DANTAS, 2014b). Além disso, os alunos com DV e deficiência intelectual demandam do professor uma atenção maior, com mais proximidade para incentivar e ouvir os alunos. Nessa mesma perspectiva, os alunos com DV e deficiência auditiva exigem que o docente fique mais perto deles, para que possam ouvir melhor e, assim, não se percam nas informações. Ficar atento a essas especificidades é, sem dúvida, de fundamental importância para que o espaço de convivência seja construído e efetivado.

Ademais, nessa trama de afetos e aprendizagem mútua e levando em consideração que o professor-estagiário é, também, um aprendiz do fazer docente, os alunos atuam como colaboradores desse processo de desenvolvimento em diversas situações, conforme elencamos aqui, a partir das experiências vividas no ICPAC, especificamente nas aulas de inglês. Nesse contexto, os alunos: i. dão dicas de formas de ensinar; ii. sugerem como deve ser um professor inclusivo; iii. provocam os professores-estagiários a levarem em consideração as especificidades dos alunos; iv. avaliam atividades e materiais desenvolvidos; v. fornecem feedback das aulas ministradas, ressaltando pontos positivos e sugerindo melhorias; e vi. demandam conhecimentos específicos, a exemplo da leitura em braille.

Compreendemos que, talvez, não seja em todos os espaços de estágio supervisionado que os alunos pratiquem essas ações formativas, com tanta centralidade. Mas, no cenário do ICPAC, o aluno é um verdadeiro provocador de (re)construção de saberes, pois nos faz pensar nas formas de ensinar, na adequação de conteúdo, nas interações em sala de aula, nos faz pensar no nosso trabalho e em nós como professores. Assim, ressaltamos que a interação professor-aluno influencia diretamente o professor-

estagiário no comportamento, nos procedimentos adotados para ensinar, na construção de conhecimento e na (trans)formação pessoal e profissional.

2.3 O Estágio Supervisionado e a experiência no Instituto dos Cegos da Paraíba

A realização das intervenções práticas do Estágio Supervisionado para professores dos cursos de licenciatura da UFPB, geralmente, acontecem nas escolas-campo, que têm convênio/parceria com a universidade, as instituições de Educação Especial ainda se apresentam de modo tímido, como campo de estágio. Desta forma, nesta pesquisa, ressaltamos que o *Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha*, representativo dessas instituições, se destaca como locus de estágio para graduandos do curso de Letras-Inglês da UFPB, campus I.

Devido às mudanças nas políticas de educação da pessoa com deficiência, da quais destacamos a publicação da *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva* (BRASIL, 2007) e o Parecer 13/2009 (BRASIL, 2009, p.01) que orientam os sistemas educacionais para a organização dos serviços e recursos da Educação Especial de forma complementar ou suplementar ao ensino regular, o ICPAC, em 2012, deixa de funcionar como escola e passa a atuar como centro de Atendimento Educacional Especializado - AEE. O AEE se configura como

o conjunto de atividades e recursos pedagógicos e de acessibilidade, organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos estudantes público alvo da educação especial, matriculados no ensino regular (BRASIL, 2013, p.02).

Nessa perspectiva, o AEE, não substitutivo a escolarização nas salas regulares, tem como objetivo promover o acesso dos alunos à educação, atuando como suporte ao desenvolvimento dos alunos com deficiência. Para tanto, ele deve ser realizado no turno inverso ao da escolarização, “prioritariamente nas salas de recursos multifuncionais da própria escola ou de outra escola de ensino regular, podendo, ainda, ser realizado em centros de atendimento educacional especializado” (BRASIL, 2013, p. 02). Além disso, de acordo com a *Orientação à atuação dos Centros de AEE, na perspectiva da educação inclusiva* (BRASIL, 2013, p.03), esse atendimento deve ser “realizado em interface com os professores do ensino regular”, em um movimento de colaboração

entre docentes, para que as possibilidades de aprendizagem sejam ampliadas, beneficiando alunos e professores.

No âmbito da escola regular, os serviços de AEE são ofertados no espaço das Salas de Recursos Multifuncionais. Quando ele é disponibilizado em locais externos a escola regular, esses locais são chamados de Centros de AEE, destacamos em João Pessoa, o ICPAC e a Fundação Centro integrado de Apoio à Pessoa com Deficiência (FUNAD). No caso do ICPAC, a oferta de serviços vai além do AEE, contemplando atendimento psicossocial, médico e educacional com: aulas de apoio pedagógico, escolarização para alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), alfabetização no Sistema Braille, aulas de manuscrito, Yoga e Reiki, serviços de orientação e atendimento familiar, estimulação visual, informática, orientação e mobilidade, terapia ocupacional (atividade de vida autônoma e estimulação precoce), fisioterapia, psicologia, fonoaudiologia, oftalmologia, atividade motora, atividade musical, esportiva e cuidados corporais.

Essa gama de serviços demonstra que o ICPAC conta com profissionais de diversas áreas, se configurando como um espaço rico para o desenvolvimento dos seus usuários. Pensando na parte educacional oferecida pelo referido instituto, a pesquisa de Dantas (2014a, p. 43), afirma que:

Os alunos ressaltam a necessidade do ensino complementar do Instituto dos Cegos da Paraíba (ICP) para que possam ter acesso ao material em braile, a explicação do conteúdo e a orientação de como responder a atividade proposta pelo professor da escola regular tendo em vista que, apesar da sala de recursos presente na escola, os professores ainda, não tem a preparação necessária, como aqueles da instituição especializada.

Sendo assim, diante das lacunas ainda existentes no sistema educacional regular, referentes à educação de alunos com deficiência (DANTAS, 2014a; MANTOAN, 2015), o papel desempenhado pelo instituto se apresenta como de grande necessidade aos alunos com deficiência visual e múltipla. Além dos alunos, os professores-estagiários, que atuaram no ICPAC, ressaltam as contribuições desse espaço para sua formação, conforme discutido por Souza (2017, p.43), ao afirmar que:

os estagiários tiveram oportunidade de desenvolver e mobilizar saberes, observar as ações da professora regente e criar/testar estratégias nas suas próprias regências. Além disso, podemos dizer

que são professores mais conscientes dos processos inclusivos e o que isso demandará deles como professores de língua inglesa.

Com essas compreensões sobre o ICPAC, ressaltamos que o Estágio Supervisionado, quando realizado no contexto de um centro de AEE, possibilita o aprendizado de saberes específicos direcionados para a educação de pessoas com deficiência, no caso do ICPAC, deficiência visual e múltipla. As especificidades, na maioria das vezes distante das experiências vividas pelos professores-estagiários, têm provocado os licenciados a realizarem pesquisas que contemplem esse espaço formativo.

Em um panorama dessas pesquisas, destacamos que o ICPAC começou a receber professores-estagiários de língua inglesa da UFPB, no primeiro semestre de 2016. No início, a professora-supervisora trabalhou em parceria com 04 (quatro) professores-estagiários, um número que foi crescendo nos semestres seguintes, conforme mostra o quadro a seguir:

Quadro 1- Número de professores-estagiários que atuaram no ICPAC

Ano (semestre)	Quantidade	Estágio Supervisionado	Professor(a) formador(a)
2016 (1º sem.)	04	Estágio Supervisionado VI	Carla Reichmann
2016 (2º sem.)	06	Estágio Supervisionado V e VI	Angélica Maia e Carla Reichmann
2017 (1º sem.)	06	Estágio Supervisionado VI e VII	Andréa Dialectaquiz e Carla Reichmann
2017 (2º sem.)	03	Estágio Supervisionado V e VI	Betânia Medrado, Carla Reichmann e Wallison Paulino
2018 (1º sem.)	08	Estágio Supervisionado V e VI	Betânia Medrado, Carla Reichmann e Wallison Paulino
2018 (2º sem.)	01	Estágio Supervisionado V	Carla Reichmann
TOTAL	28 professores-estagiários em 06 semestres.		

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Consideramos o número relevante, tendo em vista que a professora-supervisora recebe os graduandos apenas um dia por semana e em um único turno. O número também é revelador do interesse dos graduandos pelo ICPAC como campo de estágio e dos professores-formadores que indicam a instituição.

Ressaltamos aqui dois vieses dessa recente experiência de estágio no ICPAC: i) a prática docente em contextos escolares com alunos com deficiência, semelhante ao que Medrado (2016) chama de clínica dos contextos escolares inclusivos, e que é algo novo para muitos dos professores-estagiários que entram no ICPAC; ii) o desenvolvimento de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), por parte dos graduandos, a partir das inquietações provocadas durante o estágio. Isto é, a experiência docente com alunos com deficiência visual e múltipla tem mobilizado os professores-estagiários, criando espaços de formação e pesquisa, assim como destaque por Pimenta e Lima (2012), nas nossas discussões na seção 1.1.

Nessa linha de discussão, dos 28 professores-estagiários de língua inglesa que realizaram o estágio no ICPAC, 06 desenvolveram seus estudos de TCC a partir dessa experiência além desta e mais uma pesquisa em andamento. Vejamos um resumo das pesquisas:

Quadro 2 - Pesquisas de TCC realizadas por professores-estagiários que atuaram no ICPAC

Ano do Estágio	Professor(a)-estagiário(a)	Orientador(a)	Título do TCC	Ano da defesa
2016 (1º sem)	1- Jéssica Potter	Mariana Pérez	Deficiência visual e formação docente: uma análise de relatórios de estágio supervisionado de graduandos em Letras- Inglês na UFPB	2018
2016 (2º sem)	2- Isabor Quintiere	Mariana Pérez	Deficiência visual e língua inglesa no ENEM: percepções de aluno e professora-ledora e impactos para formação docente	2017
	3- Gabriella Alves	Andréa Dialectaquiz	Desafios de ensinar inglês para pessoas com deficiência visual no Instituto dos Cegos da Paraíba: analisando os materiais didáticos	2017
	4 - Eric Marinho	Angélica Maia	Compreensão textual em língua inglesa e deficiência visual: buscando caminhos para uma aprendizagem significativa	2017
	5 - Cláudia Souza	Betânia Medrado	Formação inicial de professores e práticas inclusivas: o instituto dos cegos da Paraíba como campo de estágio supervisionado	2017
	6 - Beatriz Cordeiro	Betânia Medrado	A adaptação de material didático para pessoas com deficiência visual como prática formativa de professores de língua inglesa	2017
2018	7- Evelyn	Rosycléa	Marcas do estágio-	2018

(1º sem)	Bione	Dantas	supervisionado em língua inglesa no ICPAC: a voz dos alunos com deficiência e dos professores-estagiários	
2017 (2ºsem)	8- Simone Rodrigues	Carla Reichmann	(Em andamento)	2019

Fonte: Elaboração própria, 2018.

A pesquisa de Potter (2018) teve como foco a análise de Relatórios produzidos pelos professores-estagiários, por meio dos quais ela buscou investigar como os futuros docentes percebem a experiência de ensino em língua inglesa para alunos com deficiência visual; Quintiere (2017) entrevistou um aluno cego e a professora-ledora, investigando a preparação do referido aluno para o Exame nacional de Ensino Médio; Alves (2017) procurou compreender os desafios do ensino de inglês no ICPAC, realizando uma análise de materiais didáticos; Marinho (2017) buscou mapear os estilos e as estratégias de aprendizagem oportunizadas aos alunos cegos ou com baixa visão para facilitar o processo de compreensão textual; Souza (2017) traz a voz de 13 professores-estagiários, em uma análise sobre os saberes construídos para o ensino de inglês a pessoas com deficiência, durante o estágio supervisionado no ICPAC; e Cordeiro (2017) investigou as etapas de um processo de adaptação de material didático para um grupo de alunos com deficiência visual, a fim de identificar os aspectos desafiadores e/ou impeditivos desse processo.

Com esse panorama, percebemos que a experiência proporcionou aos graduandos o desenvolvimento de estudos específicos, com foco no trabalho docente com alunos com deficiência visual, colaborando para a ampliação de saberes em uma área que, ainda, demanda muitas contribuições (MANTOAN, 2015), que demanda melhorias e descobertas que possam ampliar as práticas educacionais, para que sejam cada vez mais acessíveis. Para tanto, o ICPAC, como lócus de estágio e de pesquisa, abre um leque de possibilidades por meio das quais os professores-estagiários podem vivenciar questões reais referentes à educação da pessoa com deficiência e, assim, através das pesquisas, problematizar, elucidar e/ou propor caminhos diferentes para a construção inclusiva de um estar juntos na educação. O ICPAC torna-se, desse modo, um local de construção de saberes dentro da educação inclusiva, como mostram as pesquisas de TCC que apresentamos.

Nesse cenário, provocador de investigações sobre o trabalho docente inclusivo, está pesquisa ganha vida não apenas ampliando o quadro de TCCs desenvolvidos a partir da experiência no ICPAC, mas contribuindo com novas vozes, de alunos e de professores-estagiários, sobre as interações construídas durante o estágio no Instituto. Reforçando, outrossim, que esse recente lócus de estágio emerge muitas questões a serem discutidas.

Para tanto, na busca por ouvir alunos e professores-estagiários, personagens indispensáveis para que o Estágio Supervisionado aconteça e protagonistas desta pesquisa, planejamos e trilhamos um percurso metodológico, que apresentamos no capítulo a seguir.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Toda experiência é válida na sala de aula. Tudo é válido, pontos negativos e pontos positivos. Você tem que aprender os dois lados e saber o que é que tá negativo e o que é que tá positivo.

Aluno NFS

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia que direcionou a presente pesquisa. Para isto, iremos caracterizar a natureza da pesquisa, o contexto, o perfil dos participantes e os procedimentos para geração e análise dos dados.

3.1 Natureza da pesquisa

A pesquisa desenvolvida é de natureza qualitativa, que se configura sob os paradigmas interpretativistas, onde há a investigação entre relações sociais. Segundo Bortoni-Ricardo (2008), a pesquisa qualitativa procura interpretar fenômenos sociais inseridos em um contexto. Para isto, fazemos análises de diversos aspectos com enfoques específicos considerando todo o âmbito em que a pesquisa foi desenvolvida, além da interferência de reflexão do pesquisador. Com essa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2008, p.42) afirma, ainda, que

é tarefa da pesquisa qualitativa de sala de aula construir e aperfeiçoar teorias sobre a organização social e cognitiva da vida em sala de aula, que é o contexto por excelência para a aprendizagem dos educandos.

Nessa linha de pensamento, esta pesquisa se configura no caráter qualitativo, na medida em que se propõe a analisar e discutir impactos causados a partir das relações, interações e práticas construídas na sala de aula e efetivadas entre professores-estagiários e alunos. No nosso contexto, alunos com deficiência visual (cegueira e baixa visão) e deficiência múltipla. Desse modo, nosso estudo também apresenta o espaço da sala de aula, durante o estágio, como um lugar por excelência para o desenvolvimento dos professores e dos alunos. A partir de pesquisas desta natureza podemos contribuir

com o aperfeiçoamento das práticas idealizadas para tal contexto, porém com devido cuidado e asserções pretendidas para o desenvolvimento social e em sala de aula.

Ademais, em se tratando da pesquisa qualitativa, a autora Bortoni-Ricardo (2008, p.41) afirma que os

pesquisadores estão mais interessados no processo do que no produto. Também não estão à busca de fenômenos que tenham status de uma variável explicação, mas sim dos significados que os atores sociais envolvidos no trabalho pedagógico conferem às suas ações, isto é, estão à busca das perspectivas significativas desses atores.

Sob esta ótica, construímos um diálogo sobre os significados que os atores sociais, em nosso caso professores-estagiários e alunos com deficiência, conferem às suas ações durante a experiência de Estágio Supervisionado no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha.

3.2 Contexto da pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida no Instituto de Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha - ICPAC, localizado na Avenida Santa Catarina, 396 no bairro dos Estados, na cidade de João Pessoa-PB. Ele foi fundado em 1944 e, conforme apresentamos no capítulo anterior, funcionou como escola até o ano de 2012, quando passou atuar como Centro de Atendimento Educacional Especializado.

Além dos serviços ofertados aos usuários, que elencamos anteriormente, o ICPAC oferta, também, cursos de capacitação para professores e para a comunidade sobre o Sistema Braille, o Sorobã² e sobre o trabalho com alunos com deficiência visual. Nos cursos são apresentados aspectos da legislação que asseguram a inclusão da pessoa com deficiência, assim como especificidades acerca da deficiência visual e dos procedimentos de terapia ocupacional.

O Instituto tem mais de 400 usuários, provenientes de João Pessoa e de cidades vizinhas, com deficiência visual (cegueira, baixa visão e visão monocular), que apresentam ou não, alguma outra deficiência associada. Ele recebe um público que vai desde os recém-nascidos até a população idosa, com atendimentos semanais, quinzenais e/ou mensais (ICPAC, 2017).

² Instrumento utilizado para cálculos, de origem japonesa trazido ao Brasil desde o século XX.

3.3 Perfil dos participantes e da pesquisadora

Nesta seção serão descritos o perfil dos envolvidos na pesquisa, são eles: 1- os alunos das turmas de inglês do ICPAC, 2- os professores-estagiários de língua inglesa que atuaram no ICPAC no primeiro semestre de 2018, 3- a professora pesquisadora.

Seguindo os princípios éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, os quais afirmam o respeito e a preservação dos participantes, conduzimos esta investigação com cuidado e respeito aos alunos e professores-estagiários que deram vida às reflexões aqui textualizadas. Nessa perspectiva, e retomando Creswell (2007), ao lembrar que a pesquisa pode ser intrusa na vida dos participantes, solicitamos aos colaboradores que escolhessem como gostariam de serem identificados, alguns optaram por pseudônimos e outros decidiram utilizar seus próprios nomes.

Além disso, em atendimento às exigências éticas, antes da realização das entrevistas e dos questionários, os colaboradores tiveram acesso aos objetivos da pesquisa e concordaram em fornecer as informações solicitadas pela pesquisadora, assim como autorizaram por meio do Termo de Consentimento Livre de Esclarecimento (TCLE), a utilização das mesmas neste texto de monografia.

3.3.1 Os alunos do ICPAC

Os discentes participantes desta pesquisa foram alunos de diversas idades, que cursavam o Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos, distribuídos em três turmas de língua inglesa do ICPAC³. Eles apresentavam níveis diferentes de deficiência visual e, por conseguinte, de acesso ao sistema de leitura e escrita. No quadro a seguir, organizamos esses perfis:

Quadro 3- Perfil dos alunos participantes da pesquisa

Nome (idade)	Escolaridade	Deficiência	Leitura/escrita
1. Duda (13)	7 ano (EF)	Cegueira	Braille
2. NFS (47)	1 e 2 ano (EJA)	Baixa visão	Braille
3. Joselia (48)	7 ano (EJA)	Cegueira	Braille

³ Neste ano de 2018, as aulas de língua inglesa ocorriam uma vez por semana, todas as terças, no período da tarde.

4. Adailton (45)	Concluinte ⁴	Cegueira	Braille
5. Erivan (44)	EJA	Baixa visão	Ampliado 18
6. Luís Carlos (32)	EJA	Cegueira	Braille
7. Julia (17)	2 ano (EM)	Cegueira	Braille
8. João Felipe (20)	3 ano (EM)	Cegueira	Braille

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Os alunos relacionados acima eram assíduos nas aulas de inglês oferecidas pelo Instituto. Estudantes do ensino fundamental e médio, que não são da EJA, frequentam a escola regular no contraturno. Os alunos da EJA realizam a educação regular dentro do próprio instituto. O ICPAC oferece, neste ano de 2018, duas turmas de EJA, nomeadas de EJA I e II, os alunos são matriculados na escola regular, mas as aulas são efetivadas no Instituto, por meio de parcerias entre a escola regular e o ICPAC, como Centro de AEE.

3.3.2 Os professores-estagiários de língua inglesa

Os professores-estagiários que responderam ao questionário são todos alunos de Letras Inglês da Universidade Federal da Paraíba, campus I João Pessoa, matriculados regularmente e cumprindo a carga horária de 30 horas correspondente as aulas práticas da disciplina de Estágio Supervisionado V ou VI do período de 2017.2. Esta disciplina de Estágio Supervisionado exige que os alunos observem e participem de aulas ministradas para os níveis Fundamental e Médio. Os professores-estagiários também devem ministrar uma aula denominada regência⁵ que corresponde a uma avaliação e nota para a disciplina.

Elaboramos o quadro a seguir para que possamos visualizar as experiências correspondentes de cada professor-estagiário traçando então o perfil de cada um.

Quadro 4 - Perfil dos professores-estagiários participantes da pesquisa

Nome	Tempo de experiência de estágio ou ensino	Experiência com alunos com deficiência
Deafpro	01 ano	Sim (ICPAC e projetos na Universidade)
Eva	02 anos	Sim (Inst. Educ. Sagrada Família e ICPAC)
HC	03 anos	Sim (Estágios e projetos na Universidade)
Isabella	02 anos	Sim (ICPAC e projetos na Universidade)

⁴ Este aluno, especificamente, já concluiu o ensino médio regular, mas continua frequentando as aulas de inglês do ICPAC.

⁵ Aula elaborada pelo estagiário com o apoio da professora regente. Essa aula funciona como avaliação do professor-estagiário.

José	01 ano	Sim (ICPAC)
Marina	01 ano	Sim (Escola Municipal Chico Xavier e ICPAC)
Marinho	04 meses	Sim (ICPAC)

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Ao todo, sete estagiários responderam às perguntas elaboradas no questionário. Destes, alguns tinham experiência com alunos com deficiência por meio de projetos, a exemplo do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

3.3.3 A professora pesquisadora

Sabemos que o olhar do pesquisador, antes mesmo de atentar para qualquer denominada pesquisa, se desenvolve a partir não só de um questionamento a ser justificado, mas também do grau de interesse que determinados temas lhe despertam. Através de tal olhar cria-se um elo entre a pesquisa e o seu desenvolvedor, de forma que o torna participante em alguns aspectos. Para Moita Lopes (2013, p. 21), “o segredo da fotografia é o olhar que o fotógrafo vê através da lente. Outros olhos teriam visto outros tópicos e com olhares diferentes”, assim é na pesquisa.

Portanto, o olhar do pesquisador de certa forma tem alguma influência sobre as interpretações e desenvolvimentos das asserções acerca dos temas estudados. Nessa perspectiva, Bortoni-Ricardo (2008, p. 50) ressalta que

É muito importante que o pesquisador reflita sobre tais temas, para escolher um deles, e avalie a importância de engajar-se na pesquisa. Nessa fase, o pesquisador poderá postular perguntas exploratórias. Para chegar elas, ele se baseia em sua experiência e em leituras especializadas.

Alinhadas com esse modo de pensar, acreditamos que o olhar da pesquisadora deste estudo foi importante na escolha do tema e no desenvolvimento da pesquisa e, por isso, textualizamos um pouco das suas experiências dentro da Universidade Federal da Paraíba e os estudos que promoveram o despertar e o interesse que levaram a realização desta pesquisa.

A pesquisadora é graduanda, concluinte do curso de Licenciatura em Letras- Inglês pela Universidade Federal da Paraíba. Participou de dois programas oferecidos pela Universidade, o PROBEX programa de ensino na extensão, que oferece língua inglesa para alunos da universidade em níveis diferentes, sendo responsável por

ministrar aulas em duas turmas por semestre, durante dois semestres no ano de 2012. Neste programa as aulas eram ministradas pela professora pesquisadora sob a orientação da professora doutora Claudia Caminha. Neste projeto, as aulas elaboradas eram revisadas pela orientadora e as provas elaboradas em conjunto e uma única vez durante o semestre a aula foi observada e avaliada por ela.

O outro projeto, Programa de Mobilidade Estudantil - PROMOBI, em parceria com a Universidade Alemã Vechta Universitat, localizada na cidade de Vechta no norte da Alemanha, sob orientações da professora doutora Clélia Barqueta, onde realizou um intercâmbio durante um semestre no ano de 2013. Neste projeto de mobilidade, participou de estágio praktikum⁶ de 29 de abril a 26 de junho de 2013, sendo 10 a 12 horas semanais como professora auxiliar nas aulas de inglês para alunos da classe 3, equivalente ao 2 ano do ensino fundamental no sistema brasileiro de ensino.

Em relação à experiência profissional, lecionou em um curso de idiomas, na cidade de João Pessoa, durante três anos e para os níveis iniciante e intermediário, com carga horária de 10 horas semanais. Dentre algumas experiências profissionais para ensino fundamental em escola bilíngue, teve a oportunidade de lecionar inglês para alunos com autismo.

Quanto ao ensino para alunos com deficiência visual, o Estágio Supervisionado no ICPAC, juntamente com os colaboradores desta pesquisa, foi sua primeira experiência, totalmente nova e marcante. Através desta experiência teve o contato com alunos cegos, com baixa visão e com deficiência múltipla e pôde perceber como ocorrem as relações interpessoais entre professor e alunos com deficiência visual e múltipla. Esse estágio, que complementou a carga horária prática da disciplina de Estágio Supervisionado VI permitiu que a pesquisadora se identificasse e a motivou a realizar esta pesquisa. Refletindo como pesquisadora e ser social recebeu uma enorme influência desta experiência tanto para a atual pesquisa quanto para sua realização pessoal e futuramente profissional.

Sendo assim, as reflexões da pesquisadora ao longo de sua experiência contribuíram imensamente para a efetivação de estudos como este, que dizem respeito à formação de professores mais conscientes e interessados na educação de pessoas com e sem deficiência, interessados na educação inclusiva.

⁶ Refere-se a estágio prático sem supervisão acompanhada e apenas exigiu relatório. Este estágio foi realizado na Escola alemã Overbergschule na cidade de Vechta.

3.4 Procedimentos para geração de dados

Na geração dos dados, foram utilizados dois instrumentos: entrevista⁷ com os alunos e questionário⁸ aplicado aos professores-estagiários.

3.4.1 Entrevistas com os alunos

Em relação às entrevistas⁹ com os alunos, elas aconteceram em forma de encontro individual, por meio do qual realizamos gravações em áudio¹⁰. Vejamos no quadro abaixo, a sistematização das entrevistas pela ordem do horário em que foram respectivamente realizadas:

Quadro 5– Dias, horários e duração das entrevistas

Aluno	Data/horário	Duração
Adailton	14/06/2018-11:41	15min38seg
Luís Carlos	14/06/2018-12:09	9min56seg
Julia	14/06/2018-13:13	10min34seg
Erivan	14/06/2018-13:36	17min26seg
Joselia	14/06/2018-14:05	10min56seg
NFS	14/06/2018-14:37	19min45seg
João Felipe	14/06/2018-15:07	18min33seg
Duda	14/06/2018- 15:29	12min48seg

Fonte: Elaboração própria, 2018.

As entrevistas, realizadas no ICPAC, contaram com perguntas gerais, que buscavam informações a respeito da experiência com os professores-estagiários e como os alunos recuperavam e representavam as interações durante o Estágio.

Diante dos objetivos propostos, justificamos a escolha da entrevista por esta permitir aos entrevistados que reflitam sobre e organizem “suas experiências no mundo e o seu conhecimento sobre ele” (MEDRADO, 2007, p.753). No nosso caso, os alunos

⁷ As entrevistas forma realizadas e utilizadas mediante assinatura de um termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A).

⁸ Para realizar este questionário de formato eletrônico os professores estagiários consentiram com os termos descritos no mesmo.

⁹ Roteiro de perguntas (Apêndice B).

¹⁰ Os excertos de fala dos colaboradores, utilizados no corpo desta pesquisa, foram transcritos levando em consideração alguns recursos da Análise da Conversação (DIONÍSIO, 2001), conforme ilustrado no apêndice C.

puderam refletir sobre a experiência de receber professores-estagiários, organizando-a a partir das perguntas norteadoras conduzidas pela pesquisadora. A escolha levou em consideração, outrossim, questões de acessibilidade, ao compreendermos que seria menos cansativo para os alunos realizarem uma entrevista, por meio da qual se expressariam oralmente, do que, por exemplo, responderem um questionário escrito que exigiria uma maior disponibilidade deles, pois a escrita em braille demanda mais tempo (FARREL, 2008). Além disso, nem todos os alunos que entrevistamos dominam o braille com fluência e, assim, os instrumentos de pesquisa que utilizam a escrita no processo de geração de dados podem ser menos acessíveis para esse público específico.

3.4.2 Questionário com os professores

Para os professores-estagiários, utilizamos o questionário como instrumento de geração de dados. Ele foi elaborado com questões que versavam sobre a experiência com alunos com deficiência no ICPAC, os desafios de um contato com o novo e de que forma isso colaborou para sua formação. O questionário¹¹ foi disponibilizado on-line no dia 26 de julho de 2018, através da plataforma *Google forms* e as respostas recebidas via e-mail. Vejamos no quadro 6 a sistematização dos questionários, organizados cronologicamente:

Quadro 6– Datas e horários de realização dos questionários

Professor-estagiário ¹²	Data/horário de realização do questionário
José	17/07/2018 - 23hs19min
Marina	24/07/2018 - 20hs17min
Marinho	26/07/2018 - 15hs48min
HC	26/07/2018 - 16hs52min
Isabella	27/07/2018 - 19hs10min
Eva	28/07/2018 - 11hs16min
Deafpro	31/07/2018 - 17hs24min

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Justificamos a escolha do questionário via *Google forms* por considerarmos que facilitaria a geração de dados. Nesta pesquisa, a utilização do questionário por meio da

¹¹ Roteiro de perguntas (Apêndice D)

¹² Os nomes escolhidos são pseudônimos adotados pelos professores estagiários respeitando assim as normas de identificação.

internet foi fundamental no andamento do processo de geração dos dados, pois os professores-estagiários estavam sem tempo para encontros presenciais. Assim, o *Google Forms* se apresentou como um instrumento condizente com as necessidades dos participantes, que precisavam de algo que pudesse ser feito no tempo deles e por meio do celular.

3.5 - Procedimentos para análise dos dados

Buscamos alcançar nosso objetivo geral que é investigar como alunos e professores-estagiários de língua inglesa compreendem a experiência do estágio supervisionado, no ICPAC. Vejamos a sistematização dos objetivos específicos e procedimentos de análise no quadro 07:

Quadro 7 - Procedimentos de análise

Objetivos específicos	Procedimentos de análise
Analisar as especificidades apresentadas por alunos e professores-estagiários, nas interações pedagógicas durante o estágio-supervisionado no ICPAC.	1º Identificação dos posicionamentos recorrentes, dos alunos e professores-estagiários, que ilustram as especificidades do contexto de formação em que estavam inseridos. 2º Seleção e agrupamento de excertos que representam esses posicionamentos. 3º Análise dos excertos selecionados.
Discutir, a partir das falas dos alunos e professores-estagiários, os impactos provocados pelas interações durante o estágio-supervisionado.	1º Identificação dos posicionamentos recorrentes, dos alunos e professores-estagiários, que demonstram impactos provocados pelas interações durante o estágio-supervisionado no ICPAC. 2º Seleção e agrupamento de excertos que representam esses posicionamentos. 3º Análise dos excertos selecionados.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Na realização da análise dos textos gerados a partir das entrevistas e dos questionários, direcionamo-nos para as especificidades e para os impactos apresentados a partir da experiência de estágio, no ICPAC. Através de uma análise das falas emergentes e a repetição das asserções que configuram expressões, sentimentos, motivações e até direcionamentos que percebemos através das falas de alunos e professores-estagiários.

Assim, seguindo os procedimentos metodológicos apresentados, daremos início no capítulo seguinte à análise dos dados gerados.

4. INTERAÇÕES PEDAGÓGICAS NO ICPAC: ESPECIFICIDADES E IMPACTOS

.../ a aula da professora Evelyn .../ na parte que a gente tava falando sobre sentimentos, sobre as alegrias, essas coisas... Eu amei aquela aula, AMEI.

Aluno Luiz Carlos

Neste capítulo, faremos uma reflexão acerca de temas que emergiram nas falas dos alunos e dos professores-estagiários ao textualizarem sobre as interações pedagógicas, promovidas durante o estágio supervisionado no ICPAC. Para isto, organizamos nossa análise em duas seções: análise das especificidades emergentes e impactos da experiência do estágio supervisionado no ICPAC.

4.1 Análise das especificidades emergentes

Nesta seção, faremos uma análise das especificidades presentes nas falas de alunos e professores-estagiários, acerca da construção de um espaço de convivência (MATURANA, 1990), durante a experiência de estágio supervisionado que eles viveram. Para isto, organizamos em duas subseções: especificidades em relação às práticas pedagógicas e especificidades sobre os processos interativos.

4.1.1 Especificidades em relação às práticas pedagógicas

Recuperamos, a partir de Machado (2007a), que o trabalho docente é algo situado, isto é, ganha formas e sentidos a partir do ambiente em que é desenvolvido. Desse modo, as especificidades que emergiram a partir das falas dos alunos e dos professores-estagiários, são representativas do contexto em que eles estão inseridos. Vejamos algumas das especificidades mais recorrentes nos excertos a seguir:

Quadro 8- Especificidades – práticas pedagógicas

Especificidades	Excertos das respostas dos	Excertos das respostas dos alunos
-----------------	----------------------------	-----------------------------------

emergentes	professores-estagiários (P.E)	
Especificidades em relação às práticas pedagógicas	<p>Excerto 01 – P.E José: Quer queira quer não ficamos um pouco dependentes dos livros e dos recursos visuais, e isso, no ICPAC é algo que você precisa repensar: você precisa planejar e desenvolver aulas e materiais que trabalhem com o tato deles e com a audição.</p> <p>Excerto 02 - P.E HC: Alunos cegos tem como referência nossa voz, e por isso precisamos trabalhar nossa dicção /.../ O uso das tecnologias é algo bastante observado pelos alunos. Eles gostam de sons, vídeos músicas e outros aspectos multimodais. Engaja os alunos.</p> <p>Excerto 03 - P.E HC: Com a ajuda da supervisora, conhecemos o braile e as necessidades específicas desse grupo. Aprendemos a refletir o que os alunos gostam e querem aprender, e principalmente, os meios para facilitarmos a aprendizagem de língua inglesa.</p>	<p>Excerto 04 - Aluno Erivan: A professora de inglês da gente XXX ((professora do curso da EJA)) não sabe braille, tem que transcrever, aplicar para a gente as provas, e a escrita para mim ((fonte ampliada)) /.../ é importante os alunos da Universidade que vem para cá e vê a diferença que tem.</p> <p>Excerto 05 - Aluno João Felipe: A pessoa cega precisa muito conhecer a voz. Então, ter um contato de bom dia, boa tarde, boa noite, um oi e um tchau, já é bem importante.</p> <p>Excerto 06 - Aluna Júlia: ((respondendo à pergunta “Tem alguma coisa que você gostaria que fosse diferente no estágio?”)) /.../ que eles soubessem em braille</p> <p>Excerto 07- Aluna Júlia: /.../ foi legal a viagem para o XX ((supermercado)). Nos passeios eu acho que a gente aprende mais, a gente fala as coisas e vai pegando nelas, explicando. Assim, a gente não fica só imaginando.</p> <p>Excerto 08 - Aluno Luiz Carlos: (...) eu acho que ele precisa saber o nosso dia a dia, saber mais do braille também. O braille /.../ eu creio que é a dificuldade do professor, porque tem que também fazer o curso de Braille, essas coisas e também tem que conhecer nosso mundo né, porque não é fácil.</p>

Fonte: Elaboração própria, 2018.

No contexto de ensino de inglês para alunos com deficiência visual e múltipla, o professor-estagiário José (excerto 01) ressalta que a *dependência de recursos visuais* no âmbito de ensino de línguas *precisa ser repensada* no ICPAC, pois os alunos com deficiência visual demandam outros recursos que explorem o *tato* e a *audição* deles. Essa especificidade do trabalho com o tato é, também, destacada pela aluna Júlia no excerto 07, quando ela verbaliza que eles aprendem mais quando vão *pegando*, pois não fica apenas na *imaginação* do que está sendo dito, ou seja, o tato facilita o processo de criação de imagens mentais, reforçando a discussão de Dantas (2014b, p.170), de que a ausência de imagens visuais “não significa ausência de imagens mentais, pois essas podem ser construídas por meio dos demais sentidos”, no caso explicitado pelos nossos colaboradores, por meio do tato.

A partir da sua reflexão, José nos alerta, desse modo, para a necessidade de repensarmos três aspectos da nossa prática docente: o planejamento, o desenvolvimento/elaboração de materiais e a execução da aula - *precisa planejar e desenvolver aulas e materiais* -, em uma perspectiva que contemple recursos táteis e sonoros. Assim, os livros e recursos visuais, mencionados por José e destinados ao público sem deficiência visual, não serão, neste contexto, utilizados do mesmo modo, mas sim adaptados de forma acessível para os alunos com DV. Esse processo de adaptação, como destacado por Dantas (2014b) e Cordeiro (2017), envolve alguns aspectos como: conhecimento da deficiência (cegueira congênita/adquirida, baixa visão, deficiência intelectual), tipo de impressão (ampliada ou em braille), fluência do aluno na leitura e tempo de execução da atividade.

Além da exploração do tato, outro sentido é mencionado pelos colaboradores José e HC, como um recurso a ser explorado: a *audição*. HC destaca que os alunos *gostam de sons, vídeos, músicas e outros aspectos multimodais*, ou seja, recursos sonoros que fazem parte das experiências dos alunos, ampliando, desse modo, a acessibilidade ao material apresentado na sala de aula e, por conseguinte, *engajando* eles na construção do que está sendo ministrado. Nessa discussão, ela nos alerta para o uso das tecnologias digitais utilizadas pelos alunos com DV, como ferramentas necessárias para o desenvolvimento de espaços de aprendizagem mais acessíveis.

Ainda no excerto 02, com base nas experiências vividas no ICPAC, a professora-estagiária HC destaca o uso da voz como significativo nas práticas em sala de aula, afirmando que os *alunos cegos têm como referência nossa voz, e por isso precisamos trabalhar nossa dicção*. Essa referência da voz é pontuada por João Felipe (excerto 05) ao falar que a *pessoa cega precisa muito conhecer a voz*, para que possa reconhecer o outro da interação. A audição é um dos principais canais de acesso da pessoa cega ao mundo (DOMINGUES et al. 2010) e, por isso, destacamos a relevância da preocupação de HC com a voz e a dicção. Nessa discussão, ressaltamos, ainda, que no contexto do ICPAC é comum quando o professor-estagiário fala baixo ou lê em um ritmo muito rápido, os alunos chamarem a atenção para que eles busquem modificar esse aspecto.

Outra especificidade emergente é observada no excerto 04, quando o aluno Erivan (com baixa visão) verbaliza que *é importante os alunos da Universidade que vem para cá, vê a diferença que tem*. Essa diferença está relacionada às diversas formas de apresentação da língua escrita: em braille para os alunos que utilizam esse sistema de

leitura/escrita e em fonte ampliada (tamanho variável de acordo com a necessidade do aluno), para aqueles com baixa visão. Eriwan nos apresenta essa necessidade, pois nem todos os alunos do ICPAC realizam a leitura em braille (alguns leem em fonte ampliada e outros apenas de forma oralizada – alunos cegos que ainda não sabem ou que, por alguma limitação, não podem/conseguem aprender o braille) e o professor-estagiário precisa ficar atento as diferenças existentes. Para nós, professores em formação inicial, compreender essas especificidades e particularidades (DANTAS, 2014b), nos permite planejar mais adequadamente as atividades para que todos possam se sentir, de fato, incluídos na aula.

Continuando nossas reflexões, no leque de especificidades apresentadas, o conhecimento do Sistema Braille é destacado pelos alunos. Júlia (excerto 06), ao ser questionada sobre algo que gostaria que fosse diferente no estágio supervisionado, ela marca que gostaria que os professores-estagiários soubessem o braille e Luiz Carlos (excerto 08) reforça essa necessidade do conhecimento do braille pelos docentes, ao afirmar que eles *precisam* conhecer esse sistema. Esses dois alunos são cegos e realizam as atividades escritas e de leitura por meio do braille e, por isso, demandam tal compreensão por parte dos professores. A referida especificidade também está presente na fala da professora-estagiária HC, ao dizer que *com a ajuda da supervisora*¹³, ela e demais colegas *conheceram o braille* como um dos meios *para facilitar a aprendizagem da língua inglesa*.

A partir desses excertos, e das nossas experiências no ICPAC, percebemos dois aspectos: i – os materiais em braille são imprescindíveis para que os alunos que utilizam esse sistema, tenham acesso ao processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa; e ii – o conhecimento do braille nos aproxima mais dos alunos, possibilitando: orientar e auxiliar os alunos quando eles se perdem na leitura de textos e atividades, elaborar materiais, ler as produções dos alunos, trabalhar em conjunto com os alunos, e compreender mudanças de estrutura textual (colunas, quadros, espaços, tamanhos de fontes, etc.) quando o texto é adaptado para o braille. O conhecimento desse sistema, portanto, funciona como um instrumento para o nosso trabalho e para a aprendizagem dos alunos.

¹³ No ICPAC, a professora supervisora orientava a aprendizagem do braille pelos professores-estagiários com indicação de aplicativos (Braille tutor), plataformas web (Braille Virtual) e atividades em braille negro (ver apêndice E).

É interessante notar, ainda, que, no âmbito dessa reflexão, o aluno Luiz Carlos (excerto 08) ressalta que a aprendizagem do braille se apresenta como uma dificuldade para os docentes – *o braille /.../ eu creio que é a dificuldade do professor* –. No lugar social de professores-estagiários, destacamos essa dificuldade mencionada por Luiz Carlos, pois o tempo do Estágio Supervisionado na instituição não é suficiente para o domínio do Sistema Braille e, assim, aprendemos um pouco pois então seria possível efetivar melhor o planejamento e a execução das aulas. O espaço do ICPAC, portanto, nos provoca uma consciência acerca da necessidade de conhecimento desse sistema, mas o domínio dele só com prática e tempo, que vão além do período do estágio.

Finalizando essa primeira parte das reflexões, percebemos que os professores-estagiários, a partir da experiência no ICPAC, vão (re)conhecendo as especificidades que envolvem o ensino de língua inglesa para pessoas com deficiência visual e, juntamente com os alunos, vão apresentando o Instituto como um local onde esses conhecimentos podem ser construídos. Na próxima subseção, discutimos outras especificidades que marcaram os processos interativos entre os alunos e os professores-estagiários, no ICPAC.

4.1.2 Especificidades sobre os processos interativos

As relações construídas entre os alunos e os professores-estagiários, no estar juntos (SKLIAR, 2015) do estágio supervisionado, em que ambos afetam e são afetados, configuram os processos interativos para o engajamento entre as duas partes e a construção da aula. Discutiremos essa temática, tomando por base as falas dos alunos e dos professores-estagiários, conforme os excertos sistematizados no quadro a seguir:

Quadro 9– Especificidades – Processos Interativos

Análise das especificidades emergentes	Excertos das respostas dos professores- estagiários (P.E)	Excertos das respostas dos alunos
Especificidades sobre os processos	<p>Excerto 09- P.E Eva: ((Respondendo a pergunta: “Como é construída a relação com os alunos?”)). De respeito e total compreensão para com o outro.</p> <p>Excerto 10 - P.E Marina: ((Respondendo à pergunta: “Como é construída a relação</p>	<p>Excerto 12 - Aluno João Felipe: Para os alunos, eles também trazem os estagiários para perto deles e isso torna muito mais fácil o seu trabalho. E também vice-versa, dependendo do estagiário, o comportamento deles com o aluno, para trazer o aluno pra perto, pra eles, faz com que tenha uma interação, que as aulas sejam mais comunicativas.</p>

interativos	<p>com os alunos?”)). A relação é bem amigável. Os alunos se sentem acolhidos é importante deixar a aula bem descontraída para isso.</p> <p>Excerto 11 - P.E HC: ((Respondendo à pergunta: “O que você mais gostou na experiência do estágio?”)) O carinho e a atenção da professora supervisora.</p>	<p>Excerto 13 - Aluno João Felipe: Acho que chegar aqui mente aberta, coração aberto /.../ procurando ter essa proximidade, cara você conquista muita coisa.</p> <p>Excerto 14 - Aluna Josélia: Eu gosto que eles aprendam assim, é, uma experiência nova, para se comunicar com a gente, abrir mais espaço /.../ interagir bem com a gente. Das tuas aulas eu gostei, eu era assim bem expansiva, participava bem.</p>
-------------	--	---

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Observamos na fala da professora-estagiária Eva (excerto 09), que as relações construídas no ICPAC precisam ser *de respeito e total compreensão para com o outro*. O respeito mútuo ao saberes e formas de ser do outro é um fator importante para promover a interação e a criação de um espaço de convivência durante o estágio supervisionado, pois ambos (alunos e professores) apresentam diferenças que precisam ser respeitadas. A partir das experiências no ICPAC destacamos, por um lado, o respeito dos alunos diante da timidez, do medo, das incertezas e fragilidades e da falta de conhecimento do braille e de formas de ensinar para alunos com deficiência visual e múltipla, apresentadas pelos professores-estagiários; e, por outro lado, o respeito destes aos saberes apresentados pelos alunos, as especificidades nas formas de aprender, as limitações, singularidades e pontualidades de cada um. Por isso, relações de respeito mútuo, construídas no âmbito do estágio, nos permitem atender as necessidades dos alunos e, também, ampliar nosso aprendizado como professores em formação.

Defendemos que esse modo de agir para com o outro, se configura como um dos primeiros passos para o desenvolvimento de um professor inclusivo e que o respeito dos alunos com os professores-estagiários é, sem dúvida, ponto chave nesse desenvolvimento. No âmbito dessas relações, que formam a trama do estágio supervisionado, a voz do aluno João Felipe (excerto 12) reforça o trabalho conjunto e ativo entre alunos e professores-estagiários ao destacar que ambos *trazem um para perto do outro*, estreitando as interações, tornando as aulas mais comunicativas e facilitando o processo de ensino-aprendizagem.

Sobre o desenvolvimento da aula e dos atores sociais envolvidos, recuperamos as falas dos alunos João Felipe e Josélia (excertos 13 e 14) ao orientarem para a relevância dos professores-estagiários chegarem no ICPAC de *mente e coração abertos*,

procurando se aproximar dos alunos, abrindo espaço para relações comunicativas e participação dos alunos. Essa interação e proximidade são, também, apresentadas pela professora-estagiária Marina (excerto 10) ao textualizar que *é importante deixar a aula bem descontraída, pois os alunos se sentem acolhidos.* As falas demonstram que nós, professores em formação inicial, precisamos entrar nas instituições de estágio, abertos à aprendizagem, buscando diálogo e aproximação com os alunos para que possamos criar espaços ricos de aprendizagem para nós e para eles.

Ademais, sobre as especificidades envolvendo interações em sala de aula, a fala da professora-estagiária HC ressalta *o carinho e a atenção da professora supervisora* para com os alunos e os professores-estagiários. Na interação com os alunos, o carinho e a atenção da professora facilitavam a comunicação, o interesse e a aproximação aos alunos. Nas relações com os professores-estagiários, ela direcionava e dava suporte, orientando procedimentos da aula e apresentando saberes que os professores-estagiários ainda não estavam familiarizados. A partir da fala de HC, ressaltamos que o carinho e a atenção da supervisora contribuíram para que nós, professores-estagiários, sentíssemos confortáveis na construção de novos saberes e confiantes diante dos desafios, assim como nos serviu como inspiração e incentivo para também construirmos uma relação semelhante com os alunos. Essa construção afetiva, compreendemos, aproxima os futuros professores do contexto em que estão inseridos e permite o desenvolvimento mais cuidadoso do planejamento e execução da aula.

Considerando que o professor-estagiário é um aluno da prática docente, o carinho e atenção da supervisora, defendemos, se apresentam como gestos imprescindíveis nas relações formativas do estágio, assim como destacado por HC. Essa reflexão ilustra as discussões de Freire (2011, p. 43), ao afirmar que “às vezes mal se imagina o que se pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor”. Compreendemos o carinho da supervisora como um *simples gesto* que fez a diferença em nossa formação, na medida em que aprendemos que carinho e atenção para com o outro ser humano e as suas necessidades, transformam a sala de aula em verdadeiros espaços de construção do conhecimento, de respeito e inclusão.

Com essas reflexões, destacamos mais um personagem na trama do estágio supervisionado, a professora supervisora da instituição campo do estágio. O papel dessa personagem, em diálogo com a formadora da universidade é destacado por Reichmann (2012) e Farias (2017) como fundamental no fortalecimento de redes de “trabalhadores da educação, engajados em coconstruir o agir profissional” (REICHMANN, 2012,

p.113). Nessa coconstrução do agir docente durante o estágio supervisionado, apresentamos uma trama tecida por quatro personagens: alunos, professor-estagiário, supervisor e formador, sendo os alunos, no contexto desta pesquisa, o principal personagem da trama, como veremos nas discussões a seguir sobre os impactos da experiência do estágio supervisionado no ICPAC.

4.2 Impactos da experiência do estágio supervisionado no ICPAC

Nesta seção, discutimos acerca dos impactos promovidos pelo estágio no ICPAC, para os professores-estagiários e para os alunos. Assim, organizamos nossa interpretação em três subseções: impactos na formação e no aprendizado (pedagógico/curricular); impactos no lado humano e pessoal e impactos dos *feedback* dos alunos.

4.2.1 Impactos na formação e no aprendizado (pedagógico/curricular)

As experiências de estágio supervisionado no ICPAC fomentaram a construção de conhecimentos para os professores-estagiários, como estudantes da prática docente, e para os alunos, como aprendizes da língua inglesa. Apresentamos, no quadro a seguir, falas dos alunos e dos professores-estagiários acerca desses impactos.

Quadro 10- Impactos na formação e no aprendizado (pedagógico/ curricular)

Impactos da experiência do estágio supervisionado no ICPAC	Excertos das respostas dos professores- estagiários	Excertos das respostas dos alunos
Impactos na formação e no aprendizado (pedagógico/ curricular)	<p>Excerto 15 - P.E Deafpro: /.../ todos os dias de estágio foram um mar de aprendizagem que corroborou para uma melhor formação.</p> <p>Excerto 16 - P.E Marina: Aprendi a lidar com alunos cegos e a como usar diversos materiais didáticos e várias metodologias e abordagens de ensino.</p> <p>Excerto 17 - P.E HC: Erros e acertos contribuíram para o meu crescimento profissional.</p>	<p>Excerto 19 - Aluno Luíz Carlos: ((as aulas com estagiários)) são ótimas /.../ eu mesmo amo /.../ eu acho que é um aprendizado assim para a gente /.../ me sinto bem, porque acho que quando eles ((os estagiários)) vêm fazer esse estágio com a gente eu creio que é pra ((gente)) aprender mais e /.../ eles também aprenderem com a gente.</p> <p>Excerto 20 - Aluno Erivan: ((o estágio)) é uma oportunidade</p>

	<p>Conhecer outros campos, ampliar a perspectiva de mundo, sair do conhecido e ir para o desconhecido.</p> <p>Excerto 18 - P.E Isabela: Acredito que o estágio no ICPAC abriu meus olhos para a importância dos alunos, não somente para nossa prática, mas realmente enxergá-los como objetivo para quem fazemos tudo isso. /.../ Acredito que os alunos tem um papel fundamental, que realmente precisa ser mais explorado. Afinal, ninguém é professor sem alunos.</p>	<p>[...] de aperfeiçoar o inglês para mim e também suprir, ajudar os estagiários que vêm cumprir com seu dever de se tornar um dia um professor de inglês.</p> <p>Excerto 21 - Aluna Josélia: ((o estágio)) é bom porque eles vão adquirindo experiência com a com a gente, como é que lida com os cegos, que eles não são acostumados.</p>
--	--	--

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Em se tratando de contribuições para a formação inicial, o professor-estagiário Deafpro (excerto 15) afirma que *todos os dias de estágio foram um mar de aprendizagem*. Especificando um pouco esse mar de aprendizagens, a P.E Marina (excerto 16) diz que aprendeu *a lidar com alunos cegos e a como usar diversos materiais didáticos e várias metodologias e abordagens de ensino*, e HC (excerto 17) textualiza que *ampliou sua perspectiva de mundo, pois saiu do conhecido para o desconhecido*. Eles apresentam impactos na construção de saberes docentes para o trabalho com alunos com deficiência visual, algo até então desconhecido para eles e que amplia sua perspectiva de mundo, de ser professor. Essas reflexões parecem caracterizar o estágio supervisionado no ICPAC como um espaço de formação inclusiva, na medida em que possibilita formação sobre o trabalho docente com alunos com deficiência, isto é, nos inclui como aprendizes dessas formas de ensinar, até pouco tempo silenciadas durante a formação inicial.

Ampliando essa reflexão, Isabela (excerto 18) ressalta que o estágio no ICPAC *abriu seus olhos para a importância dos alunos* como objetivo do trabalho docente dela como professora-estagiária, ou seja, a partir do estágio ela passa a enxergar os alunos como destinatários do seu fazer, reforçando o pensamento de Freire (2011) de que o trabalho do professor é “com” os alunos. Nessa perspectiva, ela continua sua reflexão afirmando que o papel dos alunos *precisa ser mais explorado* na formação docente, *afinal, ninguém é professor sem alunos*, pois a docência é com e para os alunos.

Pensando no lugar social dos alunos, destacado por Isabela, trazemos as falas dos alunos que corroboram um pouco dessa reflexão. Luiz Carlos (excerto 19) verbaliza que o estágio representa um aprendizado para os alunos e para os professores-

estagiários. Erivan (excerto 20) reforça essa fala do colega, afirmando que o estágio possibilita o *aperfeiçoamento do inglês* para ele, assim como permite que os alunos *ajudem* os graduandos na sua formação como futuros docentes. Josélia (excerto 21) também corrobora essa linha de discussão, pontuando que os professores-estagiários *vão adquirindo experiência* com eles, de *como é que lida com os cegos, que eles não são acostumados*. É interessante notar como os alunos, por meio da linguagem utilizada, se colocam nesse lugar social de quem também ensinam: *ajudar os estagiários* (excerto 20), *aprenderem com a gente* (excerto 19), *vão adquirindo experiência com a gente* (excerto 21). São alunos (a gente) – que ajudam e com quem os professores-estagiários aprendem e adquirem experiência.

Essas interpretações demonstram que os impactos do estágio supervisionado atingem todos os envolvidos na interação e vão além dos saberes pedagógicos e curriculares, como discutimos a seguir.

4.2.2 Impactos no lado humano e pessoal

Nesta subseção discutimos acerca dos impactos no lado humano e pessoal observados nas falas dos professores-estagiários e dos alunos, a partir das interações pedagógicas ocorridas durante o estágio supervisionado no ICPAC. Vejamos o quadro a seguir com a sistematização dessas falas:

Quadro 11- Impactos no lado humano e pessoal

Impactos da experiência do estágio no ICPAC	Excertos das respostas dos professores- estagiários (P.E)	Excertos das respostas dos alunos
---	---	-----------------------------------

<p>Impactos no lado humano e pessoal</p>	<p>Excerto 22 - P.E José: Para mim foi bastante rica. É um Crescimento tanto no sentido humano quanto no sentido profissional.</p> <p>Excerto 23 - P.E Eva: Pude perceber o quanto foi importante para minhas aulas o convívio com os alunos do ICPAC, pois pude ter mais sensibilidade e assim compreender melhor meus alunos.</p> <p>Excerto 24 - P.E Isabella: Foi uma experiência enriquecedora, não só como profissional, mas como pessoa. Pude compreender uma realidade que apesar de tão próxima me parecia muito distante pela falta de convívio com pessoas com deficiência visual. Percebi que a educação especial requer de nós aprendizado antes do ensino, arrisco dizer que aprendi mais do que ensinei, e percebi o quanto ainda precisamos aprender sobre inclusão.</p>	<p>Excerto 25 - Aluno João Felipe: Para mim assim experiências particulares com alguns estagiários foram bem marcantes. Percebi que muitos aqui vieram com coração aberto, a mente aberta para aprender /.../ Eu me senti muito próximo a vocês, até mesmo dos que menos falam, inclusive até uma certa admiração por XXX ((professor-estagiário José)), ele já veio de outra turma, do contato mais assim, mais próximo assim, legal, uma amizade /.../ cada um tem seu jeito, cada um marca de uma forma.</p> <p>Excerto 26 - Aluno Luiz Carlos: eu me sinto alegre ((com o estágio)), porque eles estão vendo as dificuldades que a gente tem e algumas dificuldades que a gente não tem.</p> <p>Excerto 27 - Aluno Adailton: ((o estágio)) é bom para as pessoas que não sabem o que é um deficiente visual, porque para nós deficientes visuais, somos meio desconhecidos lá fora, as pessoas querem passar por cima /.../ pensam que ((a gente)) só faz comer e dormir, mas não é bem assim.</p>
--	---	---

Fonte: Elaboração própria, 2018.

As falas dos professores-estagiários marcam que a experiência no ICPAC afetou o lado pessoal e profissional deles como docentes. José (excerto 22) diz que houve um crescimento no *sentido humano e profissional*, Eva (excerto 23) afirma que a *convivência com os alunos* possibilitou que ela *tivesse mais sensibilidade* e, assim, *compreendesse melhor* seus discentes e Isabella (excerto 24) textualiza que a experiência foi *enriquecedora* para ela como *profissional* e como *pessoa*. Eles apresentam, desse modo, o estágio supervisionado como (trans)formador, na medida em que proporciona *crescimento*, torna a pessoa mais *sensível* e *enriquece* com novos saberes a pessoa e o profissional docente.

A (trans)formação do humano e do profissional, é despertada pelo *convívio* com os alunos (excertos 23 e 24), isto é, a partir da experiência formativa com alunos com deficiência. Interpretando essas reflexões dos professores-estagiários a partir das nossas vivências no ICPAC, destacamos que o fato de lidar com alunos com deficiência visual e/ou múltipla exigiu de nós uma atenção e dedicação maior, uma aproximação dos

alunos e das suas experiências o que nos afetou, nos transformou, legitimando o pensamento de Skliar (2015) de que é impossível um estar juntos sem que ambas as partes sejam afetadas. Nessa reflexão de Skliar (op.cit.), todas as interações afetam, mas acreditamos que no ICPAC esses impactos se apresentem de forma mais marcada, pelo fato de que estamos, como ressalta Isabella (excerto 24), diante de uma *realidade distante* da que fomos apresentados ao longo da vida e que, portanto, *requer de nós aprendizado antes do ensino*.

Nesse processo, os alunos também verbalizam alguns impactos. João Felipe (excerto 25) destaca que cada professor-estagiário *tem seu jeito, cada um marca de uma forma*, confirmando, novamente, as reflexões de Skliar (op.cit.) sobre os afetos do estar juntos e nos alertando para a consciência que precisamos ter sobre nossas ações durante o estágio, pois elas afetam os alunos. Deixamos, como disse João Felipe, *marcas* que podem ser positivas ou negativas para os discentes. Na sua fala, João Felipe destaca algumas marcas (impactos) que compreendemos como positivas, pois ele afirma que se *sentiu próximo* dos professores-estagiários, que houve relações de *amizade e sentimentos de admiração*. Esse aluno parece demonstrar que houve uma determinada relação de afeto entre professores e alunos a partir da convivência no estágio, promovendo uma experiência mais rica de ensino-aprendizagem, que teve por base respeito e admiração.

Continuando essa discussão, Luiz Carlos (excerto 26) afirma que se sente *alegre* com a experiência do estágio, pois os professores-estagiários *estão vendo as dificuldades que a gente tem e algumas dificuldades que a gente não tem*. Existe, nessa fala de Luiz, um bem estar – *me sinto alegre* – que se concretiza pelo fato que o aluno compreende que os graduandos estão observando e percebendo não apenas as dificuldades que *a gente* (alunos com deficiência visual) enfrentam, mas também, as dificuldades que eles não têm, ou seja, limitações que talvez os professores-estagiários acreditassem que os alunos teriam, levando em consideração a deficiência, mas que são desconstruídas durante o estágio.

Essa interpretação de Luiz Carlos parece ser reforçada na fala de Adailton (excerto 27), quando ele verbaliza que o estágio *é bom para as pessoas*, isto é, para os professores-estagiários, *que não sabem o que é um deficiente visual*, pois, de acordo com Adailton, eles são *meio desconhecidos lá fora, as pessoas querem passar por cima e pensam que eles só fazem comer e dormir*. Nessa linha de pensamento, ele parece sugerir que as vivências proporcionadas pelo estágio no ICPAC, podem contribuir para

que pré-concepções sobre a pessoa com DV sejam reformuladas, uma vez que os futuros professores têm a oportunidade de interagir com os alunos e perceber que *não é bem assim*. É um espaço, portanto, de impactos no modo como os graduandos enxergam a pessoa com deficiência.

Destarte, essas interpretações demonstram que nas interações pedagógicas com pessoas com deficiência, os professores-estagiários passam por uma (trans)formação humana e pessoal imprescindível para que possam atuar no contexto específico do ICAPC. Pois, como destacado por Eva (excerto 23), parece existir um movimento cíclico de sensibilidade-compreensão em que: a convivência pedagógica no ICPAC se apresenta como um espaço potencializador do despertar da *sensibilidade* que, por sua vez, amplia as possibilidades de *compreensão* dos alunos.

Nesse processo de compreensão dos alunos e, por conseguinte, das formas de ensinar no contexto específico do ICPAC e de nós como professores-estagiários, outros espaços geradores de impactos foram organizados pela supervisora que nos acolheu no Instituto, como veremos a seguir.

4.2.3 Impactos dos *feedback* dos alunos

Nesta subseção, discutimos sobre os *feedback* dos alunos acerca das aulas e intervenções realizadas pelos professores-estagiários. Os *feedback* eram solicitados pela supervisora que, ao final das nossas aulas/intervenções, orientava todos os alunos a falarem sobre os aspectos que eles mais gostaram, assim como dar sugestões de pontos que poderiam melhorar. No quadro a seguir, apresentamos excertos de falas dos colaboradores representativas desses momentos de *feedback*.

Quadro 12- Impactos dos *feedback* dos alunos

Impactos da experiência do estágio no ICPAC	Excertos das respostas dos professores- estagiários	Excertos das respostas dos alunos
---	---	-----------------------------------

<p>Impactos dos <i>feedback</i> dos alunos</p>	<p>Excerto 28 - P.E Marina: Eles gostam sempre de pontuar bem o que foi positivo e negativo. A opinião deles é tão importante quanto à da professora.</p> <p>Excerto 29 - P.E HC: O que me afetou positivamente foram os <i>feedbacks</i> dos alunos. Nem todos os supervisores se preocupam em saber a opinião dos alunos em relação às aulas dos estagiários. Isso precisa ser mais explorado /.../ Utilizei o <i>feedback</i> dos alunos até mesmo para aprimorar as regências seguintes.</p> <p>Excerto 30 - P.E José: Como a professora supervisora já desenvolveu esse trabalho de analisar o que aconteceu na sala de aula eles vão desenvolvendo cada vez mais o senso crítico /.../ E claramente eles notam quando você dá devida atenção aos pontos que eles levantaram. Isso dá mais voz ao aluno e faz com que eles se sintam respeitados.</p> <p>Excerto 31 – P.E Marinho: É uma oportunidade riquíssima poder saber diretamente dos alunos o que eles têm a dizer sobre o que foi bom e o que poderia melhorar nas nossas aulas, pois eles são, de fato, o alvo das aulas.</p>	<p>Excerto 32 - Aluno João Felipe: É um momento legal (...) acho que é o momento que o aluno percebe aquela famosa frase “Todo mundo é aprendiz. A vida toda”.</p> <p>Excerto 33 - Aluna Josélia: É importante porque o professor ele quer ser avaliado, tem que ter uma opinião do aluno, do jeito que ele quer avaliação da professora que ta observando ele, ele também quer opinião dos alunos para se aperfeiçoar mais.</p> <p>Excerto 34 - Aluno João Felipe: É um momento /.../ de comunicação entre o estagiário e o aluno. Eu acho necessário /.../ Faz, também, com que o estagiário perceba o que ele não percebeu, mas às vezes o aluno percebeu. Então, acho que é o momento que é necessário, assim como também acho que os estagiários podem chegar para os alunos e dar uma dica, seria uma troca de <i>feedbacks</i> que seria bom. Necessário também.</p>
--	--	--

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Em relação aos *feedback*, de acordo com a supervisora, os objetivos dessa dinâmica são: i - ouvir os alunos para melhor atendê-los; ii- abrir espaço na aula para que os alunos exerçam, de forma ainda mais direta, a responsabilidade de também participarem da formação dos futuros docentes e; iii - fornecer aos professores-estagiários acesso à críticas, conhecimentos e sugestões advindas dos principais destinatários do seu trabalho, a fim de que possam aperfeiçoar sua prática.

Nesta pesquisa, os professores-estagiários e os alunos falam das contribuições desses *feedback*. De acordo com Marina (excerto 28), a opinião dos alunos é *tão importante quanto à da professora*, ou seja, assim como a supervisora eles também estão exercendo práticas formativas durante o estágio supervisionado. Existe, nessa fala da professora-estagiária, uma valorização do aluno, dos seus saberes e opiniões.

Recuperando as discussões de Maturana (1990), entendemos que Marina aceita seus alunos como professores, como guias da sua formação docente. Marinho (excerto 31) também evidencia uma valorização dos alunos, ao dizer que ouvir os alunos é uma *oportunidade riquíssima /.../ pois, eles são, de fato, o alvo das aulas*, isto é, os principais destinatários da preparação e desenvolvimento da aula.

Sobre os *feedback*, a Josélia (excerto 33) aponta que eles são importantes porque o professor-estagiário *quer a opinião dos alunos para se aperfeiçoar mais*. Desse modo, Josélia parece considerar a opinião dos alunos como um instrumento formativo que pode ser utilizado pelo professor-estagiário, a fim de *aperfeiçoar* seu trabalho. Nessa discussão, compreendemos que a opinião dos alunos nos ajuda a efetivar uma reflexão crítica sobre a nossa prática durante o estágio e, retomando as palavras de Freire (2011, p.40), afirmamos que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Nossa próxima prática no ICPAC era continuamente melhorada a partir das reflexões provocadas pelos *feedback* dos alunos, conforme avaliado por HC (excerto 29). Essa interpretação parece ser reforçada na fala do aluno João Felipe (excerto 32), ao afirmar que nos momentos de *feedback*, os alunos percebem a frase que diz que “*Todo mundo é aprendiz. A vida toda*”, ou seja, os professores-estagiários são, também, aprendizes diante dos saberes fornecidos pelos alunos do ICPAC.

HC (excerto 29) textualiza que os *feedback* dos alunos afetaram *positivamente* sua formação, na medida em que ela *utilizou para aprimorar as regências seguintes*, isto é, retomando o pensamento de Maturana (1990), novamente, entendemos que a professora-estagiária HC aceitou os alunos como guias na criação do seu espaço de convivência formativo, do seu processo de tornar-se professora. Consciente desse papel exercido pelos alunos na sua formação, HC destaca que *nem todos os supervisores se preocupam em saber a opinião dos alunos em relação às aulas dos estagiários*, mas que ela considera, diante da experiência vivida no ICPAC, que *isso precisa ser mais explorado* durante o estágio. Desse modo, HC nos provoca a considerar que ouvir a opinião dos alunos (acerca das aulas/intervenções) é uma ação que *precisa fazer parte* da atividade formativa supervisionada.

Nessa perspectiva, o aluno João Felipe (excerto 34) também avalia os *feedback* como algo *necessário*, afirmando que *é um momento de comunicação que faz com que o estagiário perceba o que ele não percebeu, mas às vezes o aluno percebeu*. João Felipe apresenta dois aspectos que consideramos relevantes: i – o aluno auxilia o professor-

estagiário com aspectos da sua prática pedagógica, o que se faz bastante útil no contexto do ICPAC, levando em consideração as especificidades do trabalho com alunos com deficiência visual e múltipla que, ainda, são distantes da realidade de muitos professores-estagiários; e ii – o aluno é um observador crítico do trabalho docente, que merece nosso respeito e atenção para que possa ser ouvido a partir desse lugar social que ocupa.

Ampliando essa discussão, o professor-estagiário José (excerto 30), diz que por meio dos feedback os alunos *vão desenvolvendo cada vez mais o senso crítico e notam quando você dá devida atenção aos pontos que eles levantaram*. Os alunos são convocados a refletir sobre o trabalho dos professores-estagiários o que incentiva o *senso crítico* deles acerca do fazer docente e deles como parte desse gênero profissional. Continuando sua fala, José afirma que *isso dá mais voz ao aluno e faz com que eles se sintam respeitados*, ou seja, a voz do aluno é valorizada dentro da sala aula, dentro da formação docente e o aluno *sente* essa valorização.

Por fim, recuperamos a fala de João Felipe (excerto 34), para destacar que nessa interação colaborativa e respeitosa entre professores-estagiários e discentes, *os estagiários podem chegar para os alunos e dar uma dica. Seria uma troca de feedback que seria bom. Necessário também*. A consideração de João Felipe parece indicar que os alunos gostariam de escutar dos graduandos sobre o seu desempenho, sobre os avanços e as dificuldades a serem trabalhadas, com sugestões para que pudessem se *aperfeiçoar* como aprendizes da língua inglesa. Ao ouvir João Felipe, compreendemos que ele nos apresenta uma ampliação das possibilidades de trocas formativas entre professores-estagiários e alunos. João Felipe nos guia na (re)construção do espaço de convivência do estágio supervisionado e nós o aceitamos como guia, assim como todos os demais alunos do ICPAC que foram nossos alunos e, sem dúvida, nossos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu só tenho que agradecer a todos que passaram nessa sala que é muito especial para mim e para os meus amigos. Com certeza agradecer a tia Rosy, agradecer aos professores da Universidade /.../ que Jesus continue lhe abençoando, não só a você como a todos nesse Brasil afora.

Aluno NFS

Este trabalho buscou investigar como alunos e professores-estagiários de língua inglesa compreendem a experiência do estágio supervisionado, no contexto do ICPAC, considerando as especificidades e os impactos decorrentes desse espaço formativo. Para sistematizarmos nossas reflexões finais, retomaremos a seguir as duas questões de pesquisa que objetivamos responder neste trabalho:

1. Quais as especificidades apresentadas por alunos e professores-estagiários, nas interações pedagógicas durante o estágio-supervisionado no ICPAC?
2. Quais os impactos provocados pelas interações pedagógicas durante o estágio-supervisionado no ICPAC?

Acerca das especificidades do ato educativo supervisionado no ICPAC, os colaboradores destacam a necessidade de exploração do tato e da audição como fundamental para o desenvolvimento da aula e aprendizagem dos alunos. O conhecimento do braille por parte dos professores-estagiários é outra especificidade mencionada e solicitada pelos alunos, para que o docente em formação inicial tenha um acesso mais amplo ao modo como os alunos interagem com textos escritos e, por conseguinte, possa planejar e efetivar aulas com mais consciência das diferenças que o Sistema Braille demanda nos processos de elaboração e/ou adaptação das atividades. Além disso, os colaboradores destacam o respeito mútuo, as interações e a proximidade entre ambos, assim como o carinho e a atenção como aspectos que potencializam o trabalho docente e a formação de alunos e professores-estagiários.

Sobre os impactos, os professores-estagiários textualizam que a experiência foi de aprendizado, ampliação de práticas em sala de aula e crescimento humano e pessoal. Os alunos apresentam o estágio supervisionado como espaço de aperfeiçoamento da língua inglesa, de interações afetivas e de apresentação das especificidades do trabalho docente com alunos com deficiência, assim como das potencialidades da pessoa com deficiência visual. Assim, podemos concluir que as interações realizadas tiveram por base afeto e respeito de um para com o outro, configurando a experiência como

propulsora de conquistas para cada um, com desenvolvimento pessoal e humano, além da construção de saberes pedagógicos e curriculares.

Destarte, ressaltamos os impactos dos *feedback* dos alunos. A partir da fala dos colaboradores, e da nossa experiência no ICPAC, atestamos que a voz do aluno é de extrema importância para a compreensão das especificidades e potencialidades de cada aluno, para as reflexões do professor-estagiário acerca do seu trabalho e, por conseguinte, para o planejamento e desenvolvimento de aulas mais condizentes com as necessidades dos discentes. Ouvir os alunos é oportunizar que eles participem de modo ainda mais consciente da formação dos professores-estagiários e do seu processo de aprendizagem do idioma. Os *feedback* organizam, portanto, espaços de aprendizagem colaborativa em que alunos e professores-estagiários afetam, com respeito e atenção, o crescimento um do outro.

Assim, pensando no nosso lugar social de professores-estagiários, concluímos que a experiência no ICPAC possibilita uma formação docente inclusiva, na medida em que nos permite conhecer formas de ensinar e interagir com um público ainda pouco visível no cenário formativo. Salientamos, também, a necessidade de uma maior valorização dos centros de AEE como locus de estágio e, especialmente, valorização dos alunos como principais agentes da nossa formação, no âmbito do estágio supervisionado.

Encerrando esta conversa, destaco a contribuição da pesquisa para a pesquisadora que foi professora-estagiária no contexto do ICPAC e viveu os impactos dessa formação. Ouvir e analisar as falas dos alunos e dos colegas de estágio foi uma experiência riquíssima em aprendizado para a pesquisadora, na medida em que abriu novos horizontes em sua forma de pensar, agir e se posicionar como professora, uma professora consciente acerca do trabalho docente inclusivo. Além disso, muitas questões presentes nas falas dos colaboradores, que não foram discutidas neste estudo, como o papel do formador durante o estágio no ICPAC, despertaram o seu desejo por continuar estudando e pesquisando na área. *Marcas* deixadas pela pesquisa, que instigam novas descobertas, novas (trans)formações.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. L. *Desafios de ensinar inglês para pessoas com deficiência visual no Instituto dos Cegos da Paraíba: analisando os materiais didáticos*. 2017. 41f. (Monografia) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

BAUMAN, Z. *Identidade*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo : Parábola Editorial, 2011.

BRASIL. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SECADI, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192>. Acesso em 20 de Agosto de 2018.

_____. *Diretrizes Operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica: modalidade Educação Especial*. Brasília: MEC/CNE, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/pceb013_09_homolog.pdf>. Acesso em 21 de Agosto de 2018.

_____. *Nota técnica nº 055 / 2013 / MEC / SECADI / DPEE*. 2013b. Disponível em: <<http://www.ppd.mppr.mp.br/arquivos/File/NOTATECNICAN055CentrosdeAEE.pdf>>. Acesso em 21 de Agosto de 2018.

BRONCKART, J. P. *O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

CLOT, Y. Gêneros e estilos profissionais. *Laboreal*. V.X , N.1, 2014. Disponível em:<<http://laboreal.up.pt/pt/articles/generos-e-estilos-profissionais/>>. Acesso em 06 de Setembro de 2018.

CORDEIRO, B. A. A. *A adaptação de material didático para pessoas com deficiência visual como prática formativa de professores de língua inglesa*. 2017. 75f. (Monografia) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

COSTA, D. S. *Representações docentes sobre o ensino de línguas estrangeiras para alunos com deficiência visual: ressonâncias de um métier*. 2018. (Dissertação) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DANTAS, R. A proposta educacional inclusiva: aspectos da legislação. In: MEDRADO, B. P. (Org.). *Deficiência visual e ensino de línguas estrangeiras: políticas, formação e ações inclusivas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014a.

_____. Complexidade e singularidades da/na sala de aula de língua inglesa: ensinando a alunos com deficiência visual. In: MEDRADO, B. P. (Org.). *Deficiência visual e ensino*

de línguas estrangeiras: políticas, formação e ações inclusivas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2014b.

DIONÍSIO, Â. P. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, F.; ENTES, A. C. (Orgs.) *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, v. 2, 2001, p. 69-100.

DOMINGUES, C. A. et. al. *A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: os alunos com deficiência visual: baixa visão e cegueira*. Brasília: MEC/SEE, 2010.

FARIAS, L. F. P. *O estágio supervisionado do curso de Letras: uma trama enredada pelas práticas de letramento e representações do trabalho docente*. 2017. 237f. Tese (Doutorando em Linguística), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

FARREL, M. *Deficiências sensoriais e incapacidades físicas: guia do professor*. Porto Alegre: ArtMed, 2008.

FONTANA, R. A. C.. Do labirinto aos frágeis Fios de Ariadne. GONÇALVES; A. V.; PINHEIRO, A. S.; FERRO, M. E. (Org.). In: *Estágio supervisionado e práticas educativas: diálogos interdisciplinares*. Dourados: Editora UEMS, 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 2014[1992].

ICPAC. Conheça. Disponível em: < <http://icpac.com.br/conheca>>. 2017. Acesso em 02 de Agosto de 2018.

MACHADO, A. R. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. In: GUIMARÃES, A. M. M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Orgs.). *O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas*. São Paulo: Mercado de Letras, 2007a.

MACHADO, R. Conhecendo o aluno com deficiência física. In: SCHIRMER, Carolina et al. *Atendimento Educacional Especializado: deficiência física*. Brasília: MEC/SEESP, 2007b.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Summus, 2015.

MARINHO, J. E. da P. *Compreensão textual em língua inglesa e deficiência visual: buscando caminhos para uma aprendizagem significativa*. 2017. 62f. (Monografia) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

MATURANA, H. *O que é ensinar?... Quem é um professor?* Chile. 1990. Disponível em: <<http://comitepaz.org.br/Maturana2.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2010. Acesso em 04 de Setembro de 2018.

MEDRADO, B. P. A entrevista como espaço de construção de identidades. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 4., 2007, Tubarão. Anais. Tubarão: Unisul, v. 01, 2007. p. 743-755.

_____. Tornando-se professor: a compreensão de graduandos em letras sobre a atividade educacional. In.: MEDRADO, B. P.; REICHMANN, C. L. (Orgs.). *Projetos e práticas na formação de professores de língua inglesa*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

_____. Estágio Supervisionado na formação de professores: tempo de ler realidades. In: ALMEIDA, A. A. D. ZOGHBI, D. M. D. SANTOS, E. S. (Orgs.). *Formação de professores e interconexões da sala de aula no ensino de línguas*. Salvador: EDUFBA, 2015.

_____. Formando professores para incluir: contribuições da Linguística Aplicada. In: JORDÃO, C. M. (Org.). *A Linguística Aplicada no Brasil: Rumos e Passagens*. Campinas: Pontes, 2016.

MOITA LOPES, L. P. Introdução. Fotografias da Linguística Aplicada brasileira na modernidade recente: contextos escolares. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Linguística Aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo: Parábola, 2013.

PIMENTA, S. G. Lima, M. S. L. *Estágio e docência*. São Paulo, SP: editora Cortez, 2012.

POTTER, J. C. de A. *Deficiência visual e formação docente: uma análise de relatórios de estágio supervisionado de graduandos em Letras- Inglês na UFPB*. 2017. 57f. (Monografia) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

QUINTIERE, I. M. *Deficiência visual e língua inglesa no ENEM: percepções de aluno e professora - ledora e impactos para a formação docente*. 2017. 55f. (Monografia) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

REICHMANN, C. L. Tecendo o gênero profissional: o estágio como prática de letramento docente e formação identitária. In: MEDRADO, B. P.; REICHMANN, C. L. (Orgs.). *Projetos e práticas na formação de professores de língua inglesa*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

_____. *Letras e Letramentos: escrita situada, identidade e trabalho docente no estágio supervisionado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

SKLIAR, C. Incluir as diferenças? Sobre um problema mal formulado e uma realidade insuportável. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*. Rio de Janeiro, V. 1 N. 1, 2015, p. 13-28.

SOUZA, C. de L. *Formação inicial de professores e práticas inclusivas: o instituto dos cegos da Paraíba como campo de estágio supervisionado*. 2017. 48f. (Monografia) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

APÊNDICES

Apêndice A - Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezado(a) aluno(a),

Esta pesquisa versa sobre a atividade docente de professores de língua estrangeira a alunos com necessidades específicas visuais e está sendo desenvolvida por Evelyn Bione de Farias, aluna do Curso de Letras – Língua inglesa, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Ma. Rosycléa Dantas Silva. Os objetivos do estudo são: a) Investigar como os alunos e professores-estagiários representam a experiência do estágio no ICPAC, b) Analisar as especificidades apresentadas por alunos e professores-estagiários, nas interações pedagógicas durante o estágio-supervisionado no ICPAC e c) Discutir, a partir das falas dos alunos e professores-estagiários, os impactos provocados pelas interações durante o estágio-supervisionado. Assim, esperamos contribuir com novos saberes no que concerne à atividade docente de professores de inglês para esses alunos, ressaltando a importância de uma formação docente que contemple a educação da pessoa com deficiência visual.

Solicitamos seu consentimento para gravar entrevista sobre as aulas de língua inglesa no Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Letras/Linguística e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que a participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela Pesquisadora. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

A Pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para colaborar com a pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do(a) aluno(a)

Assinatura da Testemunha

Contato com o(a) Pesquisador(a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a)

Evelyn Bione de Farias

Telefone: 996158743

Atenciosamente

Assinatura do(a) Pesquisador(a) Responsável

Apêndice B- Roteiro de perguntas direcionadas aos alunos do ICPAC

1. Você recebe professores-estagiários durante as aulas. Como você se sente ao conhecer novos professores?
2. Como são as aulas e interações com os professores-estagiários? Tem alguma coisa que você gostaria que fosse diferente no estágio? Como?
3. Como você se sente nos momentos em que eles (estagiários) ficam sentados observando a aula?
4. Como funciona e o que você acha dos momentos em que eles (estagiários) ajudam vocês e a professora Rosy, durante as aulas de Rosy?
5. Eles ministram aulas para vocês, como são essas aulas?
6. Quando eles terminam de dar a aula vocês, muitas vezes, dão *feedback* com sugestões. O que você acha desse momento de *feedback*? Como você se sente dando esse *feedback*?
7. O professor da universidade vem assistir a aula do estagiário, como é sua interação com esse professor da universidade? Você gostaria que fosse de outra maneira? Como?
8. Quais aspectos você mais gosta nas aulas com professores-estagiários? - Como foi a experiência que você MAIS gostou em uma aula com professores-estagiários?
9. Quais aspectos você menos gosta nas aulas com professores-estagiários? -Você já teve alguma experiência negativa com algum professor estagiário? Como foi?
10. Você acha que a experiência de estagiar no Instituto é importante para os estagiários? Por quê?
11. E para você? Você acha importante para você essa experiência? Por quê?
12. O que foi mais marcante (aprendeu,afetou) esse semestre na experiência toda com o estágio?
13. Que sugestões você daria aos professores-estagiários para que a aula de inglês seja ótima para você?
14. O que o professor-estagiário deveria evitar ou não deveria fazer na aula de inglês?
15. Por fim, que dicas você daria aos professores que pretendem estagiar aqui no instituto, próximo semestre? Ou o que você diria para esses professores que pretendem estagiar aqui, próximo semestre.
16. Teve alguma coisa que eu não perguntei, mas que você gostaria de falar sobre o estágio?

Apêndice C– Notação utilizada para a transcrição dos excertos das entrevistas¹⁴

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÕES¹⁵
Indicação dos falantes	Nome:	Aluna Júlia: foi legal a viagem
Ênfases	MAIÚSCULAS	Aluno Luiz Carlos: Eu amei aquela aula, AMEI.
Interrogação	?	Pesquisadora: Tem alguma coisa que você gostaria que fosse diferente no estágio?
Comentário da pesquisadora e transcritora	(())	Aluno João Felipe: uma certa admiração por XXX ((professor-estagiário José))
Discurso reportado	“ ”	Aluno João Felipe: aquela famosa frase “Todo mundo é aprendiz. A vida toda”.
Ortografia	ahã, tá, né, num	Aluno Luiz Carlos: tem que conhecer nosso mundo né
Trecho suprimido	/.../	Aluna Josélia: abrir mais espaço /.../ interagir bem

¹⁴ Notação adaptada de Dionísio (2001, p.76)

¹⁵ Exemplos extraídos de excertos do nosso corpus.

Apêndice D - Roteiro de perguntas direcionadas aos professores-estagiários

PERFIL

Nome do estagiário:

Pseudônimo:

Experiência de estágio:

Experiência de ensino:

Experiência de ensino em uma Instituição de Educação Especial:

1. Como foi a experiência de estágio no ICPAC?
2. Nessa experiência, como é construída a relação com os alunos?
3. Como você se sente nos momentos de Observação das aulas?
4. O que mais chama sua atenção nas falas/relatos dos alunos durante as aulas? Como essas falas contribuem para sua formação?
5. Como funcionam as interações com os alunos e as colaborações?
6. Como você se sentiu na sua primeira aula como estagiário aqui no ICPAC?
7. Os alunos costumam dar feedback para vocês, quando ministram aulas, o que você acha desses feedback? Como você sente ouvindo os alunos?
8. Você colocou em prática alguma sugestão/dica oferecida pelos alunos ou algo que você ouviu deles durante as aulas? Como foi?
9. Quais foram os maiores desafios do seu estágio no ICPAC?
10. O que mais te afetou (positivamente ou negativamente) nas relações/interações com os alunos?
11. Como você compreende o papel dos alunos na sua formação como professor, durante o estágio? Você acha que esse papel do aluno precisa ser mais explorado durante o estágio? Como?
12. O que você mais gostou nessa experiência de estágio?
13. O que você acha que poderia ser diferente?
14. Para você, o que foi mais marcante nesse estágio todo?
15. Depois dessa experiência no ICPAC, o que você considera indispensável para um professor de inglês?
16. O que você considera que o professor-estagiário deveria evitar ou não deveria fazer?
17. Você indica o estágio no ICPAC para outros professores-estagiários? Que sugestões você daria para futuros professores-estagiários do ICPAC?
18. Teve alguma coisa que eu não perguntei, mas que você gostaria de falar sobre o estágio?

Apêndice E - Exemplos de material em braille negro

